

## **Agradecimentos**

Durante todo o percurso de realização desta dissertação, várias entidades individuais e coletivas forneceram todo o tipo de apoio necessário, sem o qual não teria sido possível a realização deste trabalho. O trabalho final é, assim, o resultado, não só do esforço e dedicação que apliquei na sua realização, mas também a soma de todos os utensílios fornecidos por todos os que contribuíram para tal feito.

Quero agradecer à Professora Doutora Rita Ribeiro, pela orientação, pela disponibilidade, pelo acompanhamento, pelas sugestões, pelos conselhos, pela ajuda no fornecimento de contactos para as entrevistas, e por todos os ensinamentos dados durante todo o percurso de realização do projeto.

Agradeço à CLAI de Braga e à CLAI de Guimarães e a todos os seus funcionários, sobretudo à prestabilidade da Doutora Sónia Diz Rodrigues e da Doutora Sandra Rodrigues. A todos os imigrantes que disponibilizaram um pouco do seu tempo para participarem nas entrevistas e contribuírem para a investigação.

A todos os meus colegas que, de uma forma ou de outra, me prestaram auxílio durante todo o percurso de mestrado.

Quero prestar um grande gesto de gratidão à minha família que sempre me apoiou e me estimulou a continuar a levar o projeto a seguir em frente. Obrigado!

## **Imigração da Europa de Leste no Minho: Um Estudo Sociológico**

### **Resumo**

Nas últimas décadas, tem vindo a crescer o número de imigrantes em Portugal, contribuindo assim, para o crescimento de uma sociedade multicultural. Desses grupos, os imigrantes oriundos da Europa de Leste são o segundo mais numeroso a residir no nosso país. O fluxo da imigração do leste europeu em Portugal iniciou-se no final dos anos de 1990 do século passado e primeiros anos de 2000, período, aliás, onde a maior vaga de imigração deste grupo ocorreu. Foi, também, precisamente neste período em que foram implementadas reformas nas políticas de imigração portuguesas, no sentido de apoiar e facilitar a integração social de imigrantes.

Com o decorrer dos anos, verifica-se que as oportunidades socio-laborais, que o mercado de trabalho português tinha prometido, no início da imigração, aos imigrantes de leste, modificou-se de forma generalizada. A situação de crise económica e financeira que Portugal enfrenta, teve, desde o início, grande impacto em vários estratos sociais e os grupos de imigrantes foram dos primeiros a sofrer os efeitos. Esta dissertação pretende compreender o percurso migratório, a realidade social atual deste grupo de imigrantes e saber como lidam eles com a mesma.

Nesta investigação, realizada através de pesquisa bibliográfica e estatística, e da realização de entrevistas a uma amostra de imigrantes do leste europeu, foi possível realizar uma cuidada análise de conteúdo, através da qual foram tiradas conclusões, nas quais se destacam: o grupo comporta em si uma grande capacidade de adaptação cultural à sociedade portuguesa, embora não haja ruptura com os laços culturais dos países de origem; o percurso migratório do grupo foi realizado com dificuldades significativas; existe, ainda, pouca aproximação institucional, de apoio a imigrantes, a este grupo; as habilitações académicas que grande parte do grupo possui não correspondem à sua atual atividade profissional; segundo o grupo, verifica-se discriminação social face aos imigrantes, na sociedade portuguesa; a situação socioeconómica do grupo é precária e não correspondente à expectativa do grupo; está clara uma sensação de insegurança e pessimismo relativamente às ambições futuras dos imigrantes; a maioria dos entrevistados não possui nacionalidade portuguesa, embora a pretenda obter.

**Palavras-chave:** Imigração, Imigrantes do Leste europeu, Crise, Integração social e laboral, Políticas de imigração.

## **Eastern Europe Immigration in Minho: A Sociological Study**

### **Abstract**

In the last decades, the number of immigrants in Portugal has been rising, which have turn Portugal into growing multicultural society. Within these groups, the Eastern Europe immigrants are the second largest group living in our country. The flux of Eastern Europe immigration in Portugal begun in the late 1990's of the past century and in the early 2000's, which is the period when the higher rate of this group's immigration occurred. It was also, precisely, in this period when there were put in place reforms in the Portuguese immigration policies, to support and facilitate the social integration of the immigrants.

As the years passed, the social and labor opportunities that the labor market had promised, in the beginning of the immigration, to the eastern Europe immigrants had changed in a generalized way. The financial and economic crisis which Portugal is having, had, since its beginning, great impact in several social stratum and the immigrant groups were the first to suffer with the effects. This thesis aims to understand the migration journey, current social conditions of this group of immigrants and how they deal with it.

In this thesis, based in literature review and empirical research conducted among Eastern Europe immigrants, it was possible to carry out a content analysis, through which some conclusions were possible: the group has a great capability to cultural adaptation to Portuguese society, although there is no rupture with the cultural ties of its origin countries; the migration journey was made with significant difficulties; there is, still, an insufficient approach of immigrant institutional support with this group; the academic qualifications of a great part of the group does not corresponds to their current working activities; according to the group, there is social discrimination towards immigrants, in the Portuguese society; the socioeconomic situation of the group is precarious and not corresponding the group's expectation; there is a clear sense of insecurity and pessimism in what concerns to the immigrants ambitions towards the future; the majority of the respondents does not have Portuguese nationality, although they want to obtain it.

**Key-words:** Immigration, Eastern Europe Immigrants, Crisis, Social and Labor Integration, Immigration Policies.

## Índice

Lista de siglas.....	vii
Introdução.....	8
1 - Estado da Arte.....	9
1.1 - Migrações – Conceitos e abordagem histórica.....	9
1.2 - Globalização e causas da imigração.....	11
1.3 - Integração de imigrantes, mercado laboral, relação com nativos e contexto familiar.....	12
1.4 - Contexto português.....	15
1.5 - Imigrantes do Leste Europeu em Portugal – História, evolução e perfil socioprofissional	18
2 - Metodologia.....	22
3 - Análise e Discussão dos Dados .....	27
3.1 - Perfil dos entrevistados.....	27
3.2 - Análise de Conteúdo.....	28
3.2.1 - Motivos da emigração .....	28
3.2.2 - Trajeto Migratório .....	30
3.2.3 - Integração Social.....	32
3.2.4 - Relação e Identificação com Portugal.....	36
3.2.5 - Inserção Laboral .....	40
3.2.6 - Cultura.....	43
3.2.7 - Crise e políticas de imigração .....	46
3.2.8 - Ligação com o país de origem e projetos de futuro .....	50
Conclusão .....	58
Referências Bibliográficas .....	64
Documentação .....	67
Anexos .....	68
Anexo 1 – Guião da Entrevista .....	69
Anexo 2 – Tabela de Categorização da Análise de Conteúdo das Entrevistas e Respetivas	
Unidades de Registo .....	74

## **Lista de siglas**

ONU – Organização das Nações Unidas

UE – União Europeia

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

IPSS – Instituto Particular de Solidariedade Social

## **Introdução**

A imigração é um tema bastante relevante na sociologia. Não só a mobilidade das populações, mas também as consequências da mobilidade, a todos os níveis, são matéria pertinente de estudo, uma vez que moldam, de certa forma, o modo como os indivíduos se relacionam em sociedade, assim como intervêm na estrutura socioeconómica. É um tema complexo, uma vez que este fenómeno acontece desde sempre na História da Humanidade.

Na sociologia, a imigração, os seus fatores e resultados/consequências são um tema de estudo bastante frequente. A Escola de Chicago, por exemplo, é assim denominada por decorrer precisamente numa cidade que, nos anos 20 e 30 do séc. XX era, marcadamente, uma cidade multicultural, resultado de ter sido das primeiras cidades norte-americanas a receber imigrantes de várias partes do mundo, constituindo assim, um autêntico “laboratório sociológico”.

Esta dissertação, integrada no Mestrado em Sociologia – área de especialização em Desenvolvimento e Políticas Sociais, tem como objetivo, compreender a realidade social dos imigrantes de Leste em Portugal, nos tempos de crise e de austeridade em que Portugal atravessa. Como tal, esta investigação debruçar-se-á sobre os imigrantes do Leste Europeu a residir em Braga e Guimarães. Relativamente a esta comunidade, abordaremos o percurso migratório, a integração social e laboral, a discriminação e relação intercultural, aspirações futuras, opiniões dos membros relativamente a várias matérias políticas, sociais e económicas. O facto de Portugal atravessar um período de profunda dificuldade económico-financeira leva-nos a questionar como estarão as comunidades estrangeiras a lidar com tal situação, uma vez que, neste caso específico, os imigrantes da Europa de Leste são dos mais recentes grupos a imigrar para Portugal, além de estarem, também, entre o grupo de imigrantes em maior número no país (apenas ultrapassados pelos imigrantes brasileiros).

Este estudo é composto pela contextualização teórica, onde se expõe o estado da arte, sobre as imigrações em Portugal e no Mundo, sendo esta, num plano de investigação de mestrado, limitada e circunscrita às questões orientadoras e objetivos da pesquisa. No que respeita à metodologia, será aqui utilizada a entrevista, com um devido guião previamente elaborado, a ser realizada a uma amostra de indivíduos correspondentes ao público-alvo desta investigação. Por fim, recorrer-se-á a uma análise de conteúdo das entrevistas e subsequente conclusão.

## **1 - Estado da Arte**

### **1.1 - Migrações - Conceitos e abordagem histórica**

A história da Humanidade e o desenvolvimento das civilizações é pautada por deslocamentos que os seres humanos, por diversas razões, encararam como necessárias, no sentido de conseguirem aliviar as suas necessidades de sobrevivência e de conseguir consolidação e subsistência, nomeadamente a nível cultural. Essas deslocamentos são o que, tanto em linguagem científica como no senso comum, se conhece como migrações. A migração humana é um fenómeno intrínseco na análise social do ser humano e suas relações sociais, pois “sempre se registou desde os primórdios da Humanidade” (Cabral & Vieira, 2007, p. 376). Tendo em conta todas as formas culturais híbridas na evolução humana (não só evolução social e histórica, mas também, a própria evolução biológica) podemos destacar que as migrações fazem, não só parte das características sociais humanas, mas são igualmente inevitáveis. As mudanças culturais inerentes a essa evolução são assinaladas assim que há contacto com novas experiências e novas realidades, isto é, “logo que as condições de vida dos grupos minoritários em situação migratória se transformam e as relações com outras sociedades assumem novas dinâmicas, se revelam igualmente as manifestações sociais e culturais” (Leandro, 2004, p. 100). Desde sempre existe uma preocupação, na Sociologia, em tentar detectar e compreender as razões e factores das migrações.

As razões das migrações variam, consoante o contexto social, cultural e temporal em que acontecem. Muitas vezes, as migrações são forçadas, outras vezes voluntárias. Lechner (2010) indica que os tipos básicos de migrações se distinguem consoante são legais (regulares), clandestinas, forçadas (refugiados, tráfico de seres humanos, entre outros) ou voluntárias. Em vários momentos da História, as migrações foram relacionadas, simplesmente, com necessidades de procura de subsistência física de uma comunidade. Em outros momentos, as migrações foram resultado de condições bélicas, podendo ser feitas observações do lado de quem invade territórios e de quem é invadido e é, subsequentemente, obrigado ao refúgio ou à forma mais clara de migração forçada, a escravidão (Castles & Miller, 2009). Embora este fenómeno tenha ocorrido em vários episódios da História, os grandes fluxos migratórios surgiram

com mais precisão em contextos em que o avanço tecnológico exigiu mudanças estruturais na ordem laboral, como aconteceu, por exemplo, na época da Revolução Industrial.

As migrações são analisadas segundo duas perspectivas: a da emigração (tendo em conta o país de origem) e a da imigração (tendo em conta o país receptor). Os imigrantes têm sempre a esperança de que, independentemente do resultado final do seu plano feito antes de migrarem, a sua situação irá melhorar a tal ponto que regressarão ao seu país de origem. Porém, numa análise mais cuidada, podemos ainda indicar que, se os indivíduos emigram para encontrar melhores condições de vida, é natural que, *a priori*, não voltem para o sítio onde as condições de vida são mais precárias (Monteiro, 1994), o que não significa, obviamente, que a esperança do retorno se dissipe. Constata-se apenas, que os indivíduos não podem separar a sua condição socioeconómica da condição e organização socioeconómica geral do seu país de origem. Embora haja uma série de fatores que levam a que os imigrantes (e próximas gerações) se fixem no país de destino, as comunidades imigrantes têm sempre fortes laços com a sua terra-natal. Desta forma, o “emigrante não é apenas aquele que parte para outro país, é aquele que de alguma forma se mantém ligado ao país de origem” (Monteiro, 1994, p. 7).

A nível da análise sociológica, o fenómeno das migrações pode ser explicado através das teorias micro e macrosociológicas. A teoria micro diz respeito às observações feitas segundo uma perspectiva individualizada do ser migrante, sendo “a racionalidade individual que, no limite, conjuga (diferenciadamente) estas envolventes e promove a decisão de mobilidade” (Peixoto, 2004, p. 13). A teoria macro considera as estruturas sociais como relevantes na acção dos indivíduos e explica as deslocações numa perspectiva grupal (Peixoto, 2004). Constata-se que tanto numa como na outra observação, a grande razão que leva grupos humanos a migrarem é sobretudo de melhoria económica. Na verdade, “não existe imigração sem uma “procura” económica específica” (Peixoto, 2004, p. 23). É necessário, assim, perceber que o “‘cálculo económico’ tanto se pode realizar ao nível da unidade indivíduo como da entidade familiar” (Peixoto, 2004, p. 16), não sendo assim, portanto, uma questão meramente pessoal/individual.



## **1.2 - Globalização e causas da imigração**

Um outro fenómeno que permitiu a maior abertura de fronteiras à escala mundial e a consequente entrada de migrantes nos países desenvolvidos foi a globalização. Quando falamos de globalização, estamos obviamente a destacar o período em que, realmente, teve o seu maior impacto, a partir da crise petrolífera dos anos 70. Este período desencadeou o início de um novo paradigma económico e social e, portanto, “o movimento global de capital e mercadorias pode ser, assim, relacionado com importantes fluxos de trabalho, que constituem a maior parte das migrações internacionais” (Peixoto, 2004, p. 26). O avanço tecnológico do espaço-tempo ganha, no contexto de globalização, novos significados e perdem em si a relação de ser um obstáculo, isto é, “o tempo e a distância perderam importância como forças de modelação das acções humanas” (Cohen, 2005, p. 25); este avanço, obviamente, nas sociedades onde ele efectivamente existe, pois numa aldeia de um país dito em desenvolvimento, onde não há telefones, por exemplo, o avanço tecnológico não se sente e, por isso, deixa de ser uma vantagem (Cohen, 2005). Esta observação pode-nos levar a uma discussão sobre a importância da obtenção de capitais (noção de capital, segundo a perspectiva de Bourdieu) nas acções dos indivíduos, mediante o espaço social que ocupam (Bourdieu, 1997), incluindo a acção de emigrar (é recorrente, por exemplo, ver as notícias que nos chegam sobre as condições adversas que muitos imigrantes, sobretudo clandestinos, enfrentam para chegarem à Europa nomeadamente através de pequenos barcos, pelo Mar Mediterrâneo. Neste contexto percebe-se que as burocracias são obstáculos e as condições básicas para poder migrar, não são, de facto, acessíveis a muitas famílias pobres, o que leva, muitas vezes, a que as mesmas recorram a formas mais perigosas e arriscadas, para além de ilegais, de atravessar fronteiras. A globalização e o efeito que causa nas pessoas devem ser entendidos como fenómenos pluridimensionais, visto que “a migração, especialmente a migração internacional, é ao mesmo tempo causa e consequência da globalização” (Cohen, 2005, p. 25). Os povos das zonas do globo mais carenciadas acabam por arcar com as consequências mais impactantes da globalização, constituindo assim, também, uma consequência (em vários atos, mas sobretudo, na migração) na sua reacção. Ou seja, num mundo onde o modelo económico e de mercado funciona segundo uma competitividade global e de usurpação de recursos (refere-se aqui, o determinismo económico dos países desenvolvidos (Europa e E.U.A.), nos países periféricos e, também, cada vez mais, nos chamados países semiperiféricos), a reacção dos povos é de, neste

sentido, migrarem para zonas do globo onde existem mais oportunidades de prosperidade e conforto económico e social.

Como foi referido anteriormente, o ser humano está habituado, desde o início da existência da espécie (a própria ciência revela que o ser humano é originário do continente africano e, assim, sempre que a oportunidade e as condições surgiram, expandiu-se por todo o mundo) a migrar para outras zonas. A evolução mundial permitiu estabelecer enormes mudanças relativas a este fenómeno. Muitas vezes, de forma repentina ou bastante acelerada, pois “a migração de todos os tipos aumentou rapidamente nos últimos trinta anos” (Cohen, 2005, p. 23), coincidindo com o aparecimento do fenómeno da globalização, tal e qual a conhecemos hoje. O mundo e a sociedade não são estáticos, mesmo quando as nações pretendem estabelecer paradigmas socioeconómicos permanentes. As crises são prova disso e, como é óbvio, isso despoleta reacções a todos os níveis nos indivíduos em geral, dado que as crises num paradigma de globalização afetam (com algumas excepções) a sociedade à escala mundial. As migrações são, também, reacções directas dos indivíduos às transformações da sociedade (o que mais ainda se verifica com a crise económica e financeira mundial de 2007, que perdura ainda nos dias de hoje) e, atualmente, segundo o mais recente relatório de migrações internacionais difundido pela ONU, existem no mundo 232 milhões de migrantes internacionais, correspondendo a 3,2 % da população mundial (ONU – Migração e Desenvolvimento Internacional, 2013). Segundo o mesmo relatório, até 2009 o número de migrantes internacionais duplicou relativamente à década anterior. Os países do Ocidente desde há muitos anos têm vindo a implementar políticas de controlo de imigração rígidas (algumas das quais, bastante repressivas), no entanto, é necessário ter em conta o que a realidade mostra: a mobilidade humana que desesperadamente necessita de novas formas de subsistência, não se irá conter se a situação nos países do dito “3º mundo” não melhorar.

### **1.3 - Integração de imigrantes, mercado laboral, relação com nativos e contexto familiar**

Quando uma comunidade minoritária, como a imigrante, se estabelece numa zona geográfica cuja cultura predominante é, num aspecto abrangente, diferente da mesma, as formas de

integração e a compatibilidade entre ambos os grupos (forâneos e autóctones) tendem a ser mais difíceis e, por vezes, existem obstáculos, mesmo do ponto de vista institucional, que dificultam tal integração. No que concerne às relações das comunidades imigrantes com os nativos “podemos assumir que são as relações intergrupais que definem a pertinência e a visibilidade das diferenças culturais e que vão configurar quer a cultura do endogrupo, quer a cultura do exogrupo, como entidades coerentes” (Vala & Lima, 2002, p. 181). A diferenciação de culturas habitando o mesmo espaço social pode desencadear acções, muitas vezes conflituosas ou intolerantes. É preciso ter em conta que quando falamos de conflitos não queremos necessariamente referir-nos a conflitos violentos, pois, na verdade, os confrontos entre imigrantes e nativos não necessitam de ser violentos para serem considerados conflitos (Dancygier, 2010). A cultura das comunidades, sendo marco identitário das mesmas, é mantida e preservada (dentro das possibilidades socioculturais das comunidades), no sentido que “em si própria, uma identidade coletiva desenha não uma série de significações ou um sentido, mas um sistema de valores que define a unidade de um grupo” (Wieviorka, 2002, p. 169). É, muitas vezes, adotado por partes dos indivíduos das comunidades imigrantes (incluindo das próximas gerações) uma miscigenação cultural e híbrida, contrariando e resistindo neste sentido às formas de assimilação dos grupos dominantes. Note-se que “é quase impossível que um indivíduo passe completamente de um modelo cultural para outro [...] e é de todo impossível que tal aconteça com uma comunidade inteira” (Cabral & Vieira, 2007, p. 378). Este fenómeno híbrido pode ser visto, por ambos os grupos, como uma ameaça à identidade cultural, ou pode também ser encarado como uma nova fase do processo evolutivo das próprias culturas. Porém, a identidade é um conceito muito mais complexo do que está ciente no senso comum. A identidade é um aspecto relevante para o indivíduo imigrante e a sua relação com os nativos. Wieviorka (2002) refere que o “indivíduo moderno” exerce a sua actividade para além da sua identidade cultural quando este pretende integrar-se na sociedade em que se encontra, ou seja, “o indivíduo define-se aqui em virtude da sua participação social e política na vida da cidade, e não pelas suas pertenças culturais” (Wieviorka, 2002, p. 170). Existe, segundo Wieviorka (2002), um “triângulo da diferença” para determinar a identidade dos indivíduos imigrantes, que consiste em três vertentes: identidade colectiva, no sentido de pertença de um indivíduo a um grupo específico; o indivíduo, no sentido da sua identidade individual e da sua diferenciação com qualquer outro; o sujeito, no sentido de relação do indivíduo com a sociedade em que se encontra.

A integração dos imigrantes pode ser medida em vários sectores (inserção laboral, educação, habitação, entre outros). O conhecimento da língua do país de destino é, sem dúvida, uma vantagem, sendo a chave para a construção de relações com o país residente. O desconhecimento da língua é, assim, um obstáculo de inserção social, “constituindo a primeira barreira à integração quer a nível profissional, quer ao nível da consolidação dos laços sociais, quer ainda no acesso à informação sobre os próprios direitos” (Castro & Marques, 2008, p. 68). Na verdade, é o capital social a derradeira vantagem para o início de uma integração social mais bem-sucedida. E, como é sabido, capital atrai capital, isto é, um indivíduo ou grupo de indivíduos com mais capital social tem mais possibilidade de poder, através da inserção socioprofissional, vir a crescer o seu capital económico. Embora o capital social contrarie, por norma, a lógica da sociedade baseada no individualismo, “é este tipo de recurso que está na base dos laços de solidariedade (*bounded solidarity*) e confiança (como a *enforceable trust*) ” (Peixoto, 2004, p. 10). Para os imigrantes em situação não regular, as dificuldades de inserção social são ainda maiores. Segundo Dancygier (2010), existe, *a priori*, uma desigualdade de acesso a direitos políticos, sendo a situação mais grave para imigrantes que não têm capacidade formal de cumprir as normas estabelecidas pelas políticas de imigração do país em que residem. No caso de inserção laboral, por exemplo, “a menor familiarização de acesso a modalidades formais de obtenção de emprego transforma-se mesmo em incapacidade, no caso de migrantes irregulares que tendem a minimizar os contactos com instituições ou agências formais” (Baganha, Marques & Góis, 2004, p. 103).

A decisão de imigrar implica sempre um suporte social e, na grande maioria das vezes, “é, normalmente, na família e em função da família de orientação ou de procriação e numa dada situação social que se concebem, tomam forma e realidade e reelaboram os projectos migratórios” (Leandro, 2004, p. 95). Não só a família, mas outros membros da mesma comunidade estabelecem relações e redes sociais no sentido de facilitar a entrada na vida social do país de destino. É como se estivéssemos a falar de uma comunidade como se fosse uma grande família e, como qualquer família, existem sempre hierarquias e reconhecimento de “líderes” a quem os restantes membros recorrem quando necessitam de apoio. Num determinado momento, sobretudo na fase de chegada ao país de acolhimento, um imigrante que pretende satisfazer uma necessidade a nível sociolaboral, ou de outra natureza, nomeadamente no apoio no acesso à habitação, terá de possuir um certo capital social para a realização dos objetivos necessários à sua integração social. Esse capital social é a base de suporte na qual

todos os imigrantes se mantêm, no sentido de conseguirem o seu processo de integração social mais facilitado. As redes sociais podem crescer durante o tempo, isto é, um pequeno de indivíduos (os primeiros a tomar a iniciativa de emigrar) inicia o primeiro contacto com o país de destino, estabelecendo as primeiras relações entre imigrantes e nativos, adquirindo mais capital social para o seu grupo e preparando o espaço social para os próximos imigrantes.

#### **1.4 - Contexto português**

Após a II Guerra Mundial estabeleceram-se novas políticas a respeito da imigração. As regras assentavam, com o consentimento da vontade dos imigrantes, em formas de integração baseadas numa estadia temporária dos mesmos nos países de acolhimento, isto é, que eles trabalhariam para melhorar a sua situação económica e, depois, eventualmente regressariam ao país de origem (a esperança constante de regresso do imigrante à terra-natal). Porém, não se verificou na prática o que se previa (Costa, 2004). Embora os imigrantes possam usufruir de algumas vantagens que as políticas de imigração possam oferecer, na verdade estas, muitas vezes, não tiveram em conta ou ignoraram as sugestões feitas pelos estudos relativamente a esta matéria (Cabral & Vieira, 2007).

Nos países da União Europeia é livre a circulação dos seus cidadãos. No entanto, “na maior parte dos Estados-Membros da UE, a maioria dos estrangeiros são cidadãos de países que não são membros da UE (nacionais de países terceiros)” (Eurostat, 2012). Os países-membros com maior número de imigrantes são (por ordem decrescente; dados de 2010): Reino Unido (591 000), Espanha (465 200), Itália (404 900) e Alemanha (404 100), acolhendo ao todo, 61,9% de todos os imigrantes na UE (Eurostat, 2012). Embora a UE tenha uma política de imigração e de asilo concreta, cabe a cada país estabelecer a sua própria regulação de imigração. Relativamente ao número de imigrantes naturalizados, em 2010, os países da UE com a taxa de naturalização mais elevada foram a Polónia, Suécia e Malta, enquanto “Portugal, o Reino Unido e os Países Baixos comunicaram taxas que oscilam entre 4 e 5 naturalizações por cada 100 estrangeiros residentes” (Eurostat, 2012).

Em Portugal, um país tradicionalmente de emigrantes (sobretudo até derrube do Estado Novo), tornou-se após a revolução de Abril de 1974, também, um país de imigrantes. Obviamente os

projetos de desenvolvimento no país (note-se que Portugal, devido à insistência das políticas levadas a cabo pela ditadura de quase 5 décadas do Estado Novo, registou-se um país bastante atrasado em matéria de desenvolvimento, relativamente à maioria dos países europeus) após a abolição da ditadura, com a implementação da Constituição da República Portuguesa e, mais tarde (1986), com a entrada na União Europeia, contribuíram bastante para tornar Portugal um país suficientemente atrativo e próspero para os imigrantes. Em termos de políticas de regulação de imigração, “a primeira regulação explícita dos fluxos migratórios após a entrada de Portugal na Comunidade Europeia tinha como objectivo, uma política de ‘imigração zero’” (Baganha, 2005, p.32). Apenas no início dos anos de 2000, com o Decreto-lei nº 4/2001, “se regularizou a permanência em território nacional de 184 000 imigrantes entre 2001 e 2003” (Baganha, 2005, p. 34). As linhas orientadoras para a integração dos mesmos, adoptadas pelo Estado português, passam actualmente, na sua essência, por medidas de inclusão no trabalho, habitação, saúde, educação e segurança social (Costa, 2004).

Como foi referido anteriormente, Portugal, embora tenha sido historicamente um país culturalmente construído a partir do contacto e miscigenação de várias culturas, não tem uma tradição de ser país de acolhimento de imigrantes, mas sim o contrário. A época dos descobrimentos foi o momento histórico mais marcante do início da «tradição» portuguesa de emigração, pois “Portugal tornou-se a partir do século XV, essencialmente, num país de «emigração», com a saída de elevados fluxos populacionais para África, Ásia e América” (Costa, 2004, p. 53). Já foi referido, porém, que vários fluxos de imigrantes surgiram nos anos seguintes à revolução dos cravos e à descolonização que daí resultou. Podemos mesmo afirmar que, a partir do início dos anos 90 do século passado, houve uma “tendência para obtenção de valores positivos [do saldo migratório], que indiciam o facto de as entradas no país começarem a superar, progressivamente, o número de saídas” (Reis, Pereira, Tolda & Serra, 2010, p. 70).

A imigração em Portugal tem, na sua base, relações culturais muito próximas, nomeadamente com os PALOP. Desses primeiros fluxos de imigração que se prolongaram pelas décadas de 80 e 90 do século passado, o maior número de imigrantes a residir em Portugal eram os Cabo-verdianos. Sabe-se que, em termos de caracterização, “a maioria esmagadora dos imigrantes de primeira vaga são trabalhadores por conta de outrem dos sectores mais desqualificados, precários, quando não informais, do mercado de trabalho” (Machado, 2003, p. 185). Portugal tornou-se assim (com um nível não tão elevado como noutros países europeus), um país atrativo

nesse sentido. Houve mais industrialização e mais infra-estruturas a serem postas em prática num país que durante décadas era essencialmente rural. Esse crescimento da urbanização nacional coincide com “evoluções das estruturas económicas locais, que tendem a ser mais abertas à recepção económica de novas pessoas, em ambientes de mudança” (Reis et al, 2010, p. 85).

Deve ser, aqui feita, uma observação acerca da interpretação que a sociedade portuguesa (e não só) tem em relação ao papel dos imigrantes, pois, em geral, estes são referidos pelas instituições e pelos nativos pela sua utilidade apenas, isto é, pelo benefício que os imigrantes possam ter no desenvolvimento económico das nações. A partir daí, “concluídos certos ciclos de construção de equipamentos e infra-estruturas de grande porte, não se sabe o que acontecerá aos imigrantes” (Machado, 2003, p. 184). Esta observação leva a que seja colocada a seguinte questão: numa perspectiva de análise social da condução política, as políticas a serem implementadas nas questões de integração dos imigrantes são, assim feitas, para servir essas comunidades em prol de uma sociedade acolhedora e solidária, ou estas mesmas políticas apenas existem no sentido de atrair os imigrantes, ou melhor, mão-de-obra para que estes contribuam (apenas como ferramentas) para o desenvolvimento da economia do país receptor? Note-se, por exemplo, que a maioria dos pobres, em Portugal, não é constituída por imigrantes, embora a maioria dos imigrantes seja considerada pobre (Machado, 2003), o que significa que a integração pode, porventura, não corresponder ao que os imigrantes esperavam, dada a sua situação socioeconómica objetiva. Da mesma forma, as expectativas do sucesso escolar (e, eventualmente socioprofissional) das gerações seguintes não são igualmente confirmáveis na prática, pois “entre os anos lectivos de 1992/93 e 1997/98 [...] as taxas médias de reprovação dos alunos de origem africana no 1º ciclo do ensino básico foram sempre mais altas do que as dos alunos da população maioritária” (Machado, 2003, p. 186). Por outro lado, os fluxos de uma comunidade influenciam outros, isto é, “a emigração é, hoje, também, um fator de imigração, com os que entram a preencherem vazios no mercado de trabalho deixados por portugueses que vão ocupar postos de trabalho similares, mas bem pagos, noutros países” (Machado, 2003, p. 184). O contexto português, em termos de políticas de imigração, teve, como já foi referido, mais impacto com o Decreto-lei nº 4/2001, com o qual “foram atribuídas autorizações de permanência a mais de 170 mil imigrantes” (Machado, 2003, p. 184). No final de 2001, 3,3% da população nacional era constituída por imigrantes em situação legal (Pires, 2002). Portugal avançou bastante no apoio aos imigrantes, através das várias leis que foram introduzidas,

nomeadamente o “Plano de Integração de Imigrantes” nº 1 (Resolução do Conselho de Ministros nº 63-A/2007) e nº 2 (Resolução do Conselho de Ministros nº 74/2010), com vista a favorecer as áreas de emprego, de saúde e da educação, assim como a abordagem a outras questões no âmbito da discriminação social. De realçar, também, a Lei de Imigração de 2007 (Lei nº 23/2007), cujo objetivo era o de melhorar os acessos dos imigrantes no âmbito habitacional. Outros programas institucionais foram postos em prática ao longo dos anos, no entanto, partindo do princípio que as condições socioeconómicas dos imigrantes encontram-se precárias, é necessário que sejam refletidas estas formas de integração e tentar ir mais a fundo na compreensão da realidade social dos imigrantes em Portugal. Em 2006, foi alterada a Lei da Nacionalidade (Lei nº 2/2006, de 17 de Abril), que facilitou o acesso de imigrantes e seus descendentes à nacionalidade portuguesa.

### **1.5 - Imigrantes do Leste Europeu em Portugal - História, evolução e perfil socioprofissional**

Já foi referido, anteriormente, que as comunidades imigrantes oriundas dos PALOP, nomeadamente a cabo-verdiana, constituíam a parcela mais numerosa dos estrangeiros em Portugal. Durante a década de 1990 e de 2000, Portugal recebeu imigrantes oriundos de países do Leste Europeu (onde, historicamente não existem praticamente laços culturais entre ambos os países), embora o número de entradas dos mesmos no país tenha vindo a decrescer a partir de 2001 (Baganha et al, 2004). Atualmente, os imigrantes ucranianos são o segundo maior grupo de estrangeiros a residir em Portugal (cerca de 52590 indivíduos), sendo ultrapassada pela comunidade brasileira e ultrapassando a comunidade cabo-verdiana (INE, 2009), o que significa claramente que há uma forte atração em Portugal, no sentido de melhorar a qualidade de vida, para os povos desta zona específica da Europa. Claro que grande parte dos imigrantes de leste encontram-se em maior número em outros países europeus (e noutras partes do mundo). Porém, o caso particular português, devido à evolução que ocorreu nas últimas décadas relativamente à imigração e a este grupo específico, merece uma análise cuidada. Os imigrantes do Leste Europeu, em Portugal, constituem povos oriundos de países como Ucrânia, Lituânia, Bielorrússia, Cazaquistão, Rússia e Moldávia.



O perfil da primeira vaga de imigrantes de Leste (final dos anos 90 do séc. XX) era constituído por “homens em idade ativa com perfis educativos médios ou superiores que se viram essencialmente remetidos para ocupações manuais no sector da construção civil e obras públicas” (Baganha et al, 2004, p. 112). As suas habilitações, eram “em média, mais elevadas do que a de outros migrantes e mesmo do que as da população portuguesa” (Machado, 2003, p. 187), sendo por isso essas habilitações praticamente inúteis no contexto laboral português em que se inseriam, uma vez que “a posse dessas qualificações não se tem traduzido em trajectos de diferenciação profissional” (Machado, 2003, p. 187).

Embora esta comunidade constitua uma grande parte de estrangeiros residentes em Portugal, existem dúvidas (nomeadamente, entre alguns autores) em relação à classificação desta imigração específica. Na verdade, “o fluxo para Portugal é tão recente que até a utilização da noção de sistema migratório é discutível” (Malheiros, 2005, p. 262). As relações entre os países (Portugal e os países do Leste Europeu) são tão escassas que novos laços foram, inevitavelmente, construídos. Neste contexto, estamos a referir-nos a “áreas em termos de intercâmbio cultural, relações políticas, canais de transporte e potenciais oportunidades de investimento” (Malheiros, 2005, p. 263). Porém, ainda permanece a dúvida sobre qual a motivação que determinou a escolha de um país, cujas características culturais e históricas pouco ou praticamente nada têm a ver com os países do Leste da Europa, a não ser o destino para estas comunidades (note-se que a integração dos imigrantes passa também por certos requisitos exigidos a estes indivíduos, que são muito mais facilmente adquiridos quando existe proximidade cultural entre os povos). Segundo um estudo realizado entre 2005 e 2007, os imigrantes de Leste conseguem superar sem grandes dificuldades o obstáculo da língua desconhecida (Castro & Marques, 2008), um dos primeiros obstáculos dos imigrantes, num aspecto geral, no país de destino. Os imigrantes de leste, nomeadamente os imigrantes ucranianos, tentaram proceder, na sua maioria, às normas administrativas e legais para se inserirem devidamente no país. Mas, para uma forma de integração mais prática no país de acolhimento, é necessário que haja suporte social mais próximo destas comunidades.

Aqui surge a noção de “redes sociais”. São indivíduos que, por se encontrarem há mais tempo e com um nível de estabilidade social razoável no país de acolhimento, se sentem suficientemente confortáveis para, de uma forma informal, acolher os recém-chegados. Desta forma, “o acolhimento de recém-chegados no seio destas ‘famílias’ permitia aos recém-chegados

inserir-se rapidamente no mercado de trabalho português através dos contactos prévios dos seus compatriotas” (Góis & Marques, 2010a, p. 17). As redes sociais informais, acolhedores dos recém-chegados, são formadas “sobretudo, de redes constituídas por membros da mesma comunidade nacional (familiares e/ou amigos) e, minoritariamente, por contactos com portugueses” (Baganha et al, 2004, p. 103), formando, assim, novos reforços de capital social, indispensáveis para combater situações de vulnerabilidade social num país desconhecido. Na grande maioria, as comunidades imigrantes “elegem” informalmente um líder da sua comunidade, sendo assim, uma espécie de comissário representativo da comunidade e um intermediário da mesma com nativos e representantes institucionais do país de acolhimento. A comunidade de imigrantes de Leste é inserida, a nível laboral, em diversos sectores, sobretudo no agrícola e na indústria de extracção e transformação (Castro & Marques, 2008, p. 71).

Quanto às novas gerações (note-se que, devido ao facto da imigração de Leste ocorrer, ao contrário de outros imigrantes como os oriundos dos PALOP, principalmente nos anos 90, as novas gerações ainda estão situadas numa faixa etária bastante nova, ou seja, a maioria dos jovens descendentes dos imigrantes de Leste frequentam, ainda, a escola), o percurso escolar é um dos elementos indicadores de integração social e nível de desenvolvimento esperado pela comunidade, pois, “as suas expectativas face ao percurso escolar dos filhos passa por terminarem o ensino superior no sentido de terem uma profissão mais prestigiante e remunerada do que as suas” (Castro & Marques, 2008, p. 70). Esta esperança de melhores oportunidades de desempenho educacional e, posteriormente socioprofissional (no sentido de desenvolvimento humano), para as gerações seguintes, coincide com uma lógica de abrangência de objetivos para o meio familiar. Porém, segundo Castro e Marques (2008), a escola portuguesa não promove valores totalmente coincidentes com os da sua comunidade, o que dificulta de certa forma, a inserção dos jovens membros das comunidades de Leste na sociedade portuguesa.

Como foi referido antes, as relações entre nativos e imigrantes para serem classificadas de pacíficas ou violentas, mas necessitam que haja uma análise profunda dessas relações que ultrapasse dados que sejam meramente de senso comum. No caso em questão, podemos afirmar que está presente um sentimento de ameaça por parte dos portugueses em relação aos imigrantes de leste, o que leva também a uma postura hostil e de intolerância dos nativos,

sobretudo em contextos laborais (Castro & Marques, 2008), algo que, aliás, não é, de facto, incomum em outros países acolhedores de imigrantes.

Uma das questões centrais desta investigação é a de tentar compreender, tendo em conta o contexto geográfico, as burocracias administrativas, o distanciamento cultural e outras dificuldades já referidas anteriormente, e o que leva a que as populações do Leste Europeu a desloquem-se para Portugal. Da mesma forma, se tenta compreender se Portugal, outrora um país mais atraente, permanece actualmente com vantagens e oportunidades para imigrantes, uma vez que este é um dos países europeus mais afectados pela crise financeira de 2008. Num estudo realizado em 2011 (Góis, 2011), foram inquiridas várias comunidades de imigrantes (não só imigrantes de Leste) com morada em Braga e Guimarães (note-se que, sobretudo em Braga, existe uma concentração bastante relevante de imigrantes de Leste), sobre as razões que levaram os mesmos a escolher Portugal como país de destino. As razões, segundo Góis (2011) foram:

- Querer estudar em Portugal ou beneficiar de uma bolsa (37,1% dos inquiridos);
- Benefícios no conhecimento da língua ou proximidade entre culturas (16,2% dos inquiridos);
- Conhecimento de oportunidade de emprego (14,4% dos inquiridos);
- Reagrupamento familiar (14,4% dos inquiridos);
- Facilidade para entrar no país (5,2% dos inquiridos);
- Existência de ascendência portuguesa (3,9% dos inquiridos);
- Acompanhamento dos pais (2,2% dos inquiridos);
- Recurso ao Sistema Nacional de Saúde português (1,7% dos inquiridos).

Portugal tornou-se num país, não só de emigrantes (como era, já há muitos anos, tradicional), mas também de imigrantes, abrindo assim uma nova imagem de um país multicultural (embora numa dimensão menor do que outros países). No entanto, o país mudou devido a circunstâncias socioeconómicas bastante relevantes, o que fez com que muitos portugueses (sobretudo jovens) fossem obrigados a deixar o país à procura de novas oportunidades no exterior (curiosamente, este fenómeno tem algumas semelhanças com a imigração de Leste; recordemo-nos que os imigrantes de Leste têm, na sua maioria, habilitações bastante altas, característica partilhada também por grande parte dos jovens imigrantes portugueses). A situação dos imigrantes

instalados em Portugal pode também, obviamente, ter sofrido consequências devido à actual situação do país.

## **2 - Metodologia**

No âmbito de uma investigação sociológica, de cariz empírico, que procure recolher dados qualitativos sobre a vida social das pessoas, como é o caso desta dissertação, o método que mais se adequa nesse contexto é a entrevista. Não sendo usada para a construção de dados estatísticos (investigação quantitativa), mas sim para a construção da teoria, a entrevista é direcionada para o indivíduo (Ruquoy, 2011). A presente investigação pretende abordar aspetos que dizem respeito à vida social dos imigrantes de leste, em Portugal. Como tal, a entrevista é a forma mais eficaz de obtenção de dados necessários para o esclarecimento das questões orientadoras da investigação, visto que as informações são retiradas a partir do testemunho direto dos próprios atores. As entrevistas concebem uma forma de obtenção de informação bastante mais esclarecedora, visto que o ambiente na entrevista é, ou pelo menos espera-se, o mais empático possível, para que haja cooperação necessária do entrevistado.

A entrevista deve decorrer num ambiente simples e confortável para o entrevistado, para que a entrevista seja encarada, por ambas as partes, praticamente como uma conversa. Esta característica é fundamental para que se possa recolher devidamente e de forma eficaz todas as informações necessárias sem que haja qualquer tipo de pressão para o entrevistado. Neste sentido, cabe ao entrevistador a responsabilidade “pela instauração de um clima de confiança e pelo controle do impacto das condições sociais da interação sobre a entrevista” (Ruquoy, 2011, p. 95). Existem, segundo Ruquoy (2011), três aspetos característicos à interação necessária ocorrente entre o entrevistador e quem está a ser entrevistado: “o tema da entrevista ou objeto de estudo, o contexto interpessoal e as condições sociais da interação” (Ruquoy, 2011, p. 96). O tema da entrevista define o objeto de estudo e o que se pretende investigar concretamente, tendo por escolha, o procedimento indutivo. O contexto interpessoal diz respeito a uma conduta deontológica da postura do entrevistador, ou seja, este deve conduzir a entrevista com uma

postura neutra de valores e com controlo emocional, fornecendo um ambiente confortável e transmitindo confiança ao entrevistado, fazendo com que este possa transmitir as suas opiniões e, conseqüentemente, mais e melhor informação de forma mais sincera possível. O terceiro aspeto necessário refere-se às condições do entrevistado para dar as respostas fluidas naturalmente, sem qualquer tipo de pressão (sem que haja um ambiente hierárquico de manifesta autoridade vinda do entrevistador).

As entrevistas são realizadas a partir de um guião, no qual estão preparadas as questões a serem abordadas pelo investigador. As questões presentes no guião não têm de ser levadas a cabo, de forma igual, mas sim poderão variar consoante o contexto em que será aplicada a utilização da entrevista. Nesta investigação, a entrevista será semidiretiva, ou seja, as questões do guião (embora algumas questões sejam diretas e de resposta objetiva) são maioritariamente formuladas para que o entrevistado esteja confortável o suficiente para responder abertamente, podendo alargar-se a vários temas, sem que, obviamente, o diálogo fuja ao tema central que se procura abordar.

A amostragem desta investigação envolverá o recurso a instituições de apoio a imigrantes, nos quais o público-alvo esteve incluído. Neste sentido, a amostragem irá ser procurada através de duas formas: amostragem selecionada com o apoio das instituições, um número de pessoas para participar na investigação; o efeito de bola de neve, ou seja, começando a investigação com algumas pessoas e, progressivamente, aumentando o seu número, através da ajuda das mesmas (as próximas pessoas inquiridas estão relacionadas com as primeiras).

Os indivíduos selecionados para a realização das entrevistas são imigrantes oriundos da Europa de Leste, que se encontram em Portugal há pelo menos 5 anos. O número de entrevistas a conduzir não foi determinado à partida. A quantidade e qualidade da informação recolhida nas entrevistas vai definir a necessidade de prosseguir a pesquisa empírica ou de a cessar, quando a informação recolhida atinge um ponto de saturação e deixam de ser acrescentados dados novos substantivos. Neste caso, foram realizadas 12 entrevistas.

Os locais onde decorreram as entrevistas dependeram da disponibilidade dos entrevistados. Alguns acordaram em realizá-las em locais públicos (cafés e esplanadas), mas a maioria das entrevistas foram realizadas em escritórios gentilmente cedidos pelas CLAI de Guimarães e de Braga, num ambiente mais formal, mas igualmente confortável para os entrevistados.

No sentido de se conseguir reunir a maior quantidade de informação possível, as entrevistas não devem ter uma duração muito breve, mas também, não devem ser cansativas ou maçadoras para os entrevistados. Nesta investigação, as entrevistas duraram, em média, 40 minutos.

Algumas dificuldades foram detetadas. Uma das dificuldades foi a compatibilidade na disponibilidade dos entrevistados para participarem. Porém, a maior dificuldade foi na comunicação, ou seja, nas dificuldades linguísticas de alguns entrevistados.

Seguidamente, o procedimento a ser tomado, com os dados recolhidos e devidamente organizados, é o da análise de conteúdo. Segundo Bardin (1995), a análise de conteúdo pode ser definida como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (Bardin, 1995, p. 9). A essência desta técnica baseia-se em ser “uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência” (Bardin, 1995, p.9), ou seja, tirar a devida conclusão de um dado discurso. A análise de conteúdo é rica na sua utilização devido às ilações que se podem tirar dos dados a serem analisados. As principais características da aplicação desta técnica são as suas dimensões: “tem uma *dimensão descritiva* que visa dar conta do que nos foi narrado e uma *dimensão interpretativa* que decorre nas interrogações do analista face a um objeto de estudo” (Guerra, 2006, p. 62). Desta forma, a análise de conteúdo é a técnica mais adequada para tratamento e interpretação de dados e subsequente conclusão (ou conclusões) daí tirada.

Apresenta-se, de seguida, a tabela de categorização elaborada a partir da análise de conteúdo das entrevistas realizadas.

<b>Categoria</b>	<b>Sub-categoria</b>
Emigração	Motivos
	Escolha de Portugal
Trajeto Migratório	Rede Social de Apoio
	Contactos
	Percursos de viagem
Integração Social	Principais dificuldades
	Discriminação
	Apoio institucional
Inserção laboral	Opinião relativamente ao atual emprego
	Obtenção do primeiro emprego em Portugal
	Opinião relativamente à remuneração
	Habilitação académica e compatibilidade com o atual emprego
Integração social	Vantagens/desvantagens de estar em Portugal
	Pedido de nacionalidade portuguesa e suas razões
	Identificação com país
Cultura	Diferenças culturais
	Relação com diferenças
	Preservação de traços culturais próprios
Crise e políticas de imigração	Impactos da crise na sua comunidade
	Opinião relativamente à

	situação do país de origem
	Opinião relativamente às políticas de imigração europeias
	Opinião relativamente às políticas de imigração portuguesas
Ligação com o país de origem e projetos de futuro	Contactos e/ou visitas com o país de origem
	Aspirações para o futuro
	Intenção de sair de Portugal
	Opinião sobre o futuro da sua comunidade em Portugal
	Opinião sobre a sua decisão de emigrar para Portugal (se voltasse atrás no tempo, voltaria a emigrar ou não?)



### **3 - Análise e Discussão dos dados**

A técnica da análise de conteúdo é o procedimento utilizado para decifrar e inferir o conteúdo de um dado discurso, neste caso as respostas das entrevistas realizadas nesta dissertação. Neste trabalho foi elaborada uma tabela onde se registaram os dados necessários para o prosseguimento da análise, sendo agrupados por categoria, subcategoria, unidades de registo e unidades de contexto (Guerra, 2006). Todos estes elementos estão presentes na tabela, exceto as unidades de contexto, que são analisadas no presente capítulo.

As entrevistas para esta dissertação foram realizadas entre os meses de março e abril de 2014, nas cidades de Braga e Guimarães, englobando testemunhos de experiências na primeira pessoa, de imigrantes vindos de vários países do Leste da Europa. A análise do conteúdo das entrevistas começará por traçar, em primeiro lugar, um perfil desta amostra de imigrantes, no qual se identifica a faixa etária, situação profissional, habilitações, composição do agregado familiar, entre outras características.

#### **3.1 - Perfil dos entrevistados**

A amostra é composta por 12 indivíduos, dos quais 5 são do sexo masculino e 7 são do sexo feminino com idades entre 30 e 64 anos. São originários de países do leste europeu, englobando os seguintes países: Ucrânia, Cazaquistão, Rússia, Lituânia, Bielorrússia e Moldávia.

Em matéria de questões laborais, apenas 5 pessoas estão na situação de desemprego à data da entrevista. As restantes estão empregadas desempenhando as seguintes profissões: Padre (igreja ortodoxa); Vigilante de Igreja; Empregada de restaurante *take-away*; Vigilante; Serviço de limpezas; Operário de fábrica; Operário de lavandaria; Empregada doméstica.

Apenas 4 dos entrevistados vieram para Portugal acompanhados (a maioria dos entrevistados tiveram contactos prévios antes de emigrarem, independentemente se vieram acompanhados, ou não). A maioria (8 pessoas) dos entrevistados possui habilitação superior. Quanto aos restantes, 3 possuem o 12º ano e, apenas, uma pessoa possui o 9º ano de escolaridade.

Quanto à situação matrimonial, 7 pessoas estão casadas, 2 são viúvas, 2 estão em união de facto, e apenas uma se encontra divorciada. Apenas 2 pessoas não têm filhos.

Os entrevistados chegaram a Portugal entre os anos de 1999 e 2003.

### **3.2 - Análise de Conteúdo**

Após a caracterização do perfil dos entrevistados, segue-se a análise aprofundada das entrevistas, organizada a partir das categorias construídas a partir dos discursos dos entrevistados. Note-se que, respeitando as normas deontológicas da investigação, os nomes que identificam os excertos das entrevistas são fictícios, assegurando, assim, o anonimato dos entrevistados.

#### **3.2.1 - Motivos da emigração**

Como se sabe, existem vários motivos de natureza individual que levam à decisão de emigrar, mediante a posição individual de cada um. Mas, quando se trata de um determinado grupo ou comunidade, de uma determinada região, neste caso, os países da Europa de Leste, devemos considerar que existem fatores comuns a todo o grupo. Nesta investigação, o fator mais determinante para levar as pessoas a emigrar, foi o fator económico e de melhoria de qualidade de vida.

“Nos anos 90, a Rússia deixou de ser União Soviética e, nos primeiros 10 anos, foi um tempo horrível. Eu não via a minha vida ali e pensei em sair.” (Elena, Rússia)

“Procura por uma vida melhor” (Vladimir, Ucrânia)

“Na altura, há 12 anos atrás, Portugal era um país onde se podia ganhar mais ou menos e viver mais ou menos. E a língua é parecida com a nossa.” (Anastasiya, Moldávia)

“Vim de carro e quis vir só por causa do dinheiro.” (Boris, Ucrânia)

“Primeiro, quis ganhar dinheiro cá. Depois, vim para cá, trabalhei, vi que a vida é melhor. É muito diferente e quis estar aqui” (Dimitri, Ucrânia)

Portugal não é um país preferencial de destino para a maioria dos estrangeiros, porém, no caso dos imigrantes de leste, se olharmos para o contexto temporal em que ocorreu a grande vaga de emigração de leste em Portugal (entre 1999 e 2003, tal como está referido no perfil), temos de considerar outros aspetos de ordem política e laboral. Em primeiro lugar, foi precisamente no ano de 2001 que ocorreram modificações importantes nas políticas de imigração. Durante este período de tempo, surgiram, também, segundo o testemunho dos entrevistados, grandes oportunidades de emprego em Portugal, em que se procurava mão-de-obra barata, facilmente recrutada em comunidades como as dos países do leste europeu. Uma particularidade que podemos apontar, no que trata de imigrantes de leste, é que, estes encontram-se espalhados pelo território e não tão significativamente concentrados numa determinada região, como é o caso de outros imigrantes cuja esmagadora maioria se encontra nos distritos de Lisboa e Setúbal. A explicação parte da forma como esta emigração surgiu, e como subsequentemente o seu fluxo se organizou no país. Estamos, neste caso, a falar de “um fluxo organizado por redes formais de mediadores que, numa parte significativa dos casos, colocaram os imigrantes no seu primeiro trabalho, dispersando-os pelos locais em que essa mão-de-obra era necessária” (Góis & Marques, 2010c, p.95).

“Naquela altura, para Portugal era mais fácil abrir o visto do que para outros países.” (Anna, Ucrânia)

“Naquela altura, Portugal precisava de empregados, mão-de-obra. Por isso nós pensámos que haviam oportunidades mais fáceis de encontrar emprego, porque Portugal precisava de trabalhadores” (Anna, Ucrânia)

“Prometeram 1200€ mensais, não sabia, confiou e foi enganado” (Olesya, Ucrânia)

“Eu não tinha trabalho, a minha filha tinha que estudar, tinha que pagar tudo. Depois, vi na televisão, uma entrevista a dizerem que há trabalho em Portugal.” (Tatyana, Lituânia)

Alguns entrevistados referiram que a sua razão não era necessariamente económica ou de outras necessidades de subsistência, mas por motivos, como a curiosidade e a liberdade (a nível político-social).

“Gostei mais da liberdade que há aqui e do povo.” (Elena, Rússia)

“Comigo não foi mesmo necessidade, mas sim curiosidade.” (Kristina, Casaquistão)

“Quando procurou trabalho fora da Ucrânia, encontramos uma agência que procurava empregos aqui em Portugal” (Anna, Ucrânia)

Uma das questões com bastante foco nesta investigação, foram as razões da escolha de Portugal como país de destino. Os motivos interligaram-se com alguns fatores de imigração referidos anteriormente. É, portanto, evidente que Portugal, com todas as vantagens que o setor empresarial prometia (nesse período de tempo) e, também, com a qualidade de vida confortável de um país da União Europeia, era visto como uma oportunidade.

### **3.2.2 - Trajeto Migratório**

Uma das fases mais difíceis de todo o trajeto de um imigrante, é a saída da sua terra natal. Ir para uma terra desconhecida é uma decisão que necessita de uma enorme disposição, para além de força de vontade e determinação. A viagem a partir do país de origem pode ser complicada. Como tal, é indispensável para muitos imigrantes que utilizem uma rede social de apoio. Muitos entrevistados tiveram apoio através dos contactos que já tinham em Portugal (aspeto que será analisado mais à frente).

“O meu irmão e amigos compatriotas. Depois, arranjei trabalho, os próprios portugueses ajudaram-me bastante.” (Vladimir, Ucrânia)

“Através de amigos. Depois comprámos vistos e passámos para cá.” (Viktor, Ucrânia)

“Para além desta pessoa, não tive assim grande apoio. Tive que me desenrascar.” (Anastasiya, Moldávia) – refere-se a uma pessoa conhecida.

Nos anos em que se sucedeu o início da imigração de grande número de indivíduos do leste europeu para Portugal, muitas empresas portuguesas tomaram a iniciativa de estabelecer contacto com estas pessoas. Foram, para alguns entrevistados, os únicos contactos que tiveram e, conseqüentemente, as principais redes de apoio.

“Foi através de um padre português. Naquela altura, um responsável do departamento de imigrações foi esse padre. Contactou-me e para fazer aqui uns serviços.” (Alexei, Ucrânia) – apoios para trabalhar em Braga, pouco depois da sua estadia na Póvoa de Varzim.

“Antes de vir, não conhecíamos aqui ninguém. Foi a própria empresa onde ele trabalhou que ajudou com alojamento e com tudo.” (Anna, Ucrânia)

Note-se, porém, que, independentemente do apoio que tiveram, os entrevistados confessaram que tiveram de realizar muitos objetivos iniciais praticamente sem apoio.

“Sempre fui sozinha.” (Elena, Rússia)

“Tive apoio das pessoas que comecei a conhecer aqui.” (Anastasiya, Moldávia)

Nos trajectos migratórios é normal e, mesmo imprescindível que hajam contactos prévios, de quem emigra, com quem já está instalado no país de destino. É o caso da maioria dos entrevistados. Neste caso, os contactos são de amigos, familiares ou conhecidos. Em alguns casos, foi mesmo um dos cônjuges a emigrar primeiro, no sentido de “preparar terreno” e estabelecer condições para que o resto (ou uma parte) da família pudesse vir a seguir.

“Na altura, trabalhava aqui o meu irmão.” (Vladimir, Ucrânia)

“Ela já trabalhava aqui. Ela veio primeiro.” (Viktor, Ucrânia) – refere-se à esposa.

“Tinha aqui uma pessoa conhecida. Já estava aqui a alguns anos, e então decidi vir para aqui.” (Anastasiya, Moldávia)

“Foi ela que chegou aqui primeiro, em 2001. E depois, passado um tempo, vim eu.” (Kristina, Casaquistão)

“O meu marido falecido já trabalhava cá” (Olesya, Ucrânia)

“Sim, [tinha contactos] com amigos.” (Dimitri, Ucrânia)

“A minha sobrinha estava aqui e ela chamou-me.” (Yana, Bielorrússia)

Sobre o percurso da viagem, cada entrevistado tem a sua história. É certo, porém, que a maioria das viagens foi feita com bastante desgaste físico e psicológico. Note-se que o leste europeu e

Portugal, ficam, precisamente, em extremos opostos da Europa, o que por si só, já implica uma viagem longa. Os recursos foram variados. Algumas pessoas vieram de autocarro e outras de carrinha. Algumas delas, acompanhadas com outras pessoas.

“Foi uma viagem de autocarro.” (Vladimir, Ucrânia)

“Vim de carrinha. Ainda nos tiraram dinheiro no percurso.” (Olesya, Ucrânia)

“Carrinha. Com seis pessoas. Pagámos 250.” (Boris, Ucrânia)

“Numa grande camioneta. Eram 2 camionetas.” (Tatyana, Lituânia)

Alguns destes entrevistados confessaram ter de recorrer, na altura, a meios ilegais para poderem viajar e entrar em Portugal.

“Disfarcei-me de turista.” (Olesya, Ucrânia)

“A minha irmã era casada com um alemão, tínhamos vistos idênticos, de turista. Eu aproveitei durante 30 dias.” (Olesya, Ucrânia)

“Eu fazia vistos para turismo e, devagarinho, da Alemanha e tudo, para França, tinha amigos na França, passava lá dois dias e já chegava lá na camioneta, não de avião, porque é muito difícil, não podia. De camioneta chegava para Portugal.” (Yana, Bielorrússia)

Como se trata de um percurso longo, as paragens foram inevitáveis.

“Primeiro fui para a Alemanha, França, e depois para Portugal. Não vim diretamente para Portugal. Fui de comboio para a Alemanha, depois de autocarro fui para Nice. Depois vim para Portugal.” (Alexei, Ucrânia)

“Paramos em alguns sítios, mas viemos diretamente para Portugal.” (Anna, Ucrânia)

### **3.2.3 - Integração Social**

A integração social de imigrantes envolve várias dificuldades a serem superadas, nomeadamente a aprendizagem indispensável da língua do país de residência, obtenção de apoio para encontrar

emprego e habitação, entre outras. A fase inicial foi, sem dúvida, a fase mais difícil para alguns entrevistados.

“Nos primeiros tempos sim.” (Anna, Ucrânia) – sentiu dificuldades.

Curiosamente, outros entrevistados consideram que os primeiros tempos, devido às vantagens dos contratos laborais, eram fáceis de superar.

“2001, 2002 era muito mais fácil e faziam-me logo os documentos, contrato. Foi muito fácil.” (Elena, Rússia)

“Russos que já estavam há mais tempo aqui. Nesse tempo era mais fácil arranjar trabalho.” (Elena, Rússia)

A maioria considerou que a aprendizagem da língua foi, de facto, onde o impacto mais se sentiu nas dificuldades de comunicação.

“Quando as pessoas falavam eu ficava assustada e pensava que nunca iria perceber, porque as nossas línguas são muito diferentes.” (Anna, Ucrânia)

“Sim, a gramática é difícil.” (Vladimir, Ucrânia)

“Tive que tirar cursos, vários cursos.” (Viktor, Ucrânia)

“A língua é o que demorou mais tempo.” (Kristina, Cazaquistão)

“Para mim, a língua é difícil. Já estou aqui há muito tempo e falo mal. Tenho amigos que estão aqui há pouco tempo e falam melhor. Tirei um curso, também, mas preciso mais.” (Dimitri, Ucrânia)

“Quando cheguei, não percebia nada. Depois, vivia perto de Vizela, e um senhor da América ensinava-nos todos os Domingos a língua portuguesa. Depois, tirei um curso na escola secundária.” (Tatyana, Lituânia)

A discriminação de imigrantes é um assunto bastante delicado. Nenhum imigrante está absolutamente disponível para se auto-afirmar como vítima de discriminação, pois a vitimização, sobretudo quando se tratam de indivíduos cujas profissões são exercidas pelo estrato social mais baixo e, conseqüentemente, mais discriminado, implica uma inferiorização social automática. Os entrevistados deram opiniões diversas sobre este assunto, no entanto, recusaram-se a colocar-se

numa postura de “socialmente derrotados” e, em contraste, referiram ter encarado qualquer situação discriminatória, para si, com uma postura de resistência. Alguns consideraram que a discriminação é normal em qualquer tipo de sociedade, numa afirmação de uma quase banalização das práticas discriminatórias.

“Também nunca falou sobre isto. Acontece algumas coisas, por exemplo, no trabalho acontece algumas situações de conflito, mas nunca me falou.” (Anna, Ucrânia)

“Há racismo. Acho que isso acontece em todos os lados.” (Elena, Rússia)

“É assim, por coisas mínimas, mas há pessoas fracas, como em todos os lados.” (Vladimir, Ucrânia)

“Sim. Eu sempre soube dar a volta. Quando eu abria a boca toda a gente se calava. Porque é mesmo assim, não podemos estar calados. No início as pessoas falam sem saber, e isso também é uma discriminação. Não pode ser assim, mas já me senti.” (Anastasiya, Moldávia)

“Diretamente, não. Eu, também, se tiver que responder, respondo. Eu tento não levar muito a peito. Há várias pessoas, várias opiniões.” (Kristina, Cazaquistão)

“Eu luto contra isso, também. Se alguma coisa mais séria acontecer, eu escrevo logo uma carta para o tribunal. Na fábrica, as pessoas têm cuidado comigo.” (Boris, Ucrânia)

“Senti. Senti coisas que não gosto, coisas que me mandam fazer. E eu sou calada. Quando eu não gosto, eu digo que não gosto e não vou fazer. Já senti. Não gosto, porque sou, também, uma pessoa.” (Yana, Bielorrússia)

De parte das pessoas que referiram não ter sofrido qualquer tipo de discriminação, a justificação dada por algumas das mesmas foi a de que não houve razões para tal, isto é, que estas receberam apenas o retorno do tratamento (neste caso, positivo) que deram aos nativos.

“Não, nunca. Eu trato as pessoas bem e as pessoas tratam-me a mim bem, também.” (Tatyana, Lituânia)



Em, suma, a maioria afirmou que existe discriminação por parte dos nativos em relação aos forâneos (mesmo que os próprios não tivessem experienciado tal, mas tendo tido conhecimento de casos).

“Eu, particularmente, não. Mas já ouvi falar de imigrantes de leste, em situações de discriminação durante longos períodos.” (Alexei, Ucrânia)

“Por exemplo, estiveram aqui várias pessoas ilegalmente, aqui no norte, que trabalhavam por uma miséria, mas sem os documentos. E têm que ganhar a vida. E sem direitos. Algumas pessoas patronais aproveitam-se desta situação. Diziam que tinham que trabalhar mais e descansar menos. Isto é verdade, não posso esconder.” (Alexei, Ucrânia)

“Milhares de vezes, nos empregos que recorro. Basta ter sotaque, basta aparecer. Eu, ao falar, nem me denuncio muito, mas quando fui à procura de emprego, falei, combinei, um homem [empregador] prometeu-me um lugar, cheguei lá e ele mal me viu, disse-me “acabei de, há dois minutos, empregar outra pessoa”. E eu estava há uma hora ao pé do portão há espera que abrisse.” (Olesya, Ucrânia)

A integração social pressupõe, *a priori*, num Estado democrático e com respeito pelos Direitos Humanos, que haja apoio institucional para comunidades com mais dificuldades e mais vulneráveis. No caso dos imigrantes de leste, o apoio institucional limita-se às IPSS's e centros de apoio a imigrantes de todas as nacionalidades a nível geral (embora haja a mediação intercultural que parte da sociedade civil, através de associações de comunidades imigrantes). O desconhecimento e conseqüente distanciamento dos imigrantes destas organizações resulta em conseqüências a nível político, pois “os dados sobre a participação política em Portugal revelam uma fraquíssima adesão dos imigrantes estrangeiros aos partidos políticos” (Marques, 2013, p. 101). Embora existam estes centros de apoio, alguns entrevistados confessaram não ter tido, inicialmente e durante bastante tempo, conhecimento da sua existência. A maioria referiu ter feito a integração social em Portugal praticamente sem apoio algum.

“Não. Fiz tudo praticamente sozinho.” (Vladimir, Ucrânia)

“Não, não pedi ajuda a nada. Gosto de lutar sozinho.” (Boris, Ucrânia)

“Não conheço. Há no Porto, há em Braga. Às vezes ligo para a Linha SOS, para Lisboa, quando tenho dúvidas, para ter apoio.” (Dimitri, Ucrânia)

“Não. É melhor sofrer sozinha do que pedir.” (Yana, Bielorrússia)

De resto, excluindo os centros de apoio a imigrantes (como o CLAII), alguns entrevistados apontaram, como apoio institucional, apenas as instituições estatais de integração aos cidadãos em geral.

“Naquela altura de 2004, 2005, recorri ao Centro de Apoio de Imigrantes aqui em Braga.” (Alexei, Ucrânia)

“Centro de Emprego, pois recebia o subsidio de desemprego. No CLAII, mesmo no início, quando precisamos de consultas, de alguma coisa.” (Anna, Ucrânia)

“O SEF ajudou-me muito” (Anastasiya, Moldávia)

“Só este sítio (CLAII).” (Kristina, Cazaquistão)

“Eu parei aqui (CLAII) por acaso. Eu passava aqui mil e uma vezes e nunca reparava nesta placa. Entrei por curiosidade. Eu ando por cá há tantos anos e nunca soube que isto existia.” (Yana, Bielorrússia)

### **3.2.4 - Relação e Identificação com Portugal**

Os entrevistados apontam, a par dos benefícios (sobretudo no tempo da sua chegada a Portugal) económicos e de qualidade de vida, várias vantagens de estar em Portugal, embora considerassem, também, que no panorama atual existem bastantes desvantagens.

“Desvantagem, é que não tenho os meus pais e os meus irmãos aqui do meu lado. Isso custa.” (Anastasiya, Moldávia)

“Não vejo grandes vantagens.” (Olesya, Ucrânia)

“Agora já não vale a pena viver aqui, porque as pessoas não ganham como querem. O país está muito abandonado, parece que não tem dono.” (Yana, Bielorrússia)

Alguns apontaram a forma como as pessoas se relacionam e resolvem problemas em Portugal, afirmando serem mais calmas e menos violentas do que nos seus países de origem.

“Aqui é mais calmo, menos perigo.” (Elena, Rússia)

“O povo de lá, pode-se dizer mais agressivo e mais stressado. Os portugueses não. Eu gosto mais de estar aqui.” (Kristina, Cazaquistão)

“Todos os países têm coisas boas e coisas más. Gosto de aqui. O calor, as pessoas. Muito boa gente. Na minha terra, as pessoas são mais frias.” (Tatyana, Lituânia)

Foram também apontados vários benefícios encontrados por este grupo em Portugal, não sendo diretamente vantagens socioeconómicas, mas sim opiniões pessoais no que concerne às características geográficas e gastronómicas portuguesas (características próprias do país).

“O tempo é dos melhores.” (Vladimir, Ucrânia)

“Posso dizer que também é saudável lá viver, só que aqui, por exemplo a alimentação, aqui em todas as estações temos comidas verdes, lá já não.” (Anastasiya, Moldávia)

De resto, a avaliação do nível de desenvolvimento e da qualidade de vida em Portugal (até mesmo no funcionamento das leis), foram apontadas como vantagens claras, para residir no atual país.

“Aqui funciona melhor as leis, onde as pessoas têm direitos e têm que cumprir as leis.” (Alexei, Ucrânia)

“As pessoas saem sempre do seu país para procurar vida melhor.” (Elena)

“Aqui há vida normal.” (Viktor, Ucrânia)

“Se eu vivo aqui é porque é bom. Se voltasse para Cazaquistão, sentiria que estava atrasada lá.” (Kristina, Cazaquistão)

Um outro aspeto importante a ser indicado, nesta investigação, em matéria de integração social, é o pedido de nacionalidade portuguesa. A maioria dos entrevistados não a possui, e deste

grupo, a maioria afirmou ter intenções claras de a pedir, defendendo existirem vantagens significativas nas suas vidas ao possuírem a nacionalidade portuguesa.

“Quero mesmo ter nacionalidade portuguesa, de uma vez por todas, que é para não dizer que sou romena ou moldava” (Anastasiya, Moldávia)

“Estou interessada. A partir de junho já posso pedir, só que o meu país não tem aqui embaixada, e por isso, é difícil, para mim, arranjar os documentos que preciso.” (Kristina, Cazaquistão)

“O que é que eu vou fazer lá [Ucrânia]? Lá, não sei quando irá melhorar. Aos 64 anos não adianta estar a perder tempo de vida.” (Boris, Ucrânia)

“A vida é muito difícil. Não sabemos o que haverá amanhã, por isso penso que não vou perder nada quando pedir a nacionalidade portuguesa.” (Yana, Bielorrússia)

Foi, como podemos ver, afirmado pelos entrevistados, que o processo de aquisição de nacionalidade portuguesa não é, de todo, realizado sem dificuldades. Da parte dos, apenas, três entrevistados que possuem nacionalidade portuguesa, as razões para tal a naturalização foram basicamente as mesmas dos que pretendem obtê-la. As razões passam, assim por questões económicas, sociais e de aquisição de direitos.

“Não há nenhum problema, não vou deixar de ser russa, porque a Rússia permite ter duas nacionalidades. Se qualquer dia quiser voltar, não haverá problema.” (Elena, Rússia)

“Por ser mais seguro. Assim, uma pessoa tem os seus direitos, para votar.” (Vladimir, Ucrânia)

“A primeira razão era a económica. Eu não conseguia suportar a despesa do SEF.” (Olesya, Ucrânia)

“Em todos os requisitos de oferta de emprego pediam nacionalidade portuguesa. Não perdi nada.” (Olesya, Ucrânia)

Numa análise geral por parte dos entrevistados, a identificação com os países (de origem e atual) varia bastante. Uma parte das pessoas afirmou ser Portugal o país com que mais se identifica neste momento.

“Mais ou menos com aqui.” (Viktor, Ucrânia)

“Com Portugal. Desliguei-me da Ucrânia, desliguei-me mesmo.” (Olesya, Ucrânia)

“Aqui. A única coisa: na Ucrânia, todas as pessoas têm casa própria. Aqui pago a renda, é difícil comprar casa.” (Boris, Ucrânia)

“Antes, gostava mais de Portugal, porque o salário era melhor, a vida era mais fácil. Agora é mais duro, tenho mais problemas. Mas como agora a Ucrânia está em conflitos, a vida é mais calma aqui.” (Dimitri, Ucrânia)

“Claro, que com Portugal, porque estou a viver todo o ano cá e só vou para férias durante um mês.” (Tatyana, Lituânia)

Outra parte referiu que se divide entre ambos os países em matéria de identificação pessoal.

“Eu estou mais confortável aqui, mas como grande patriota do meu país, Ucrânia vai ser sempre a minha terra-natal. Mas Portugal vai ser sempre a minha segunda terra, vai ficar sempre no meu coração.” (Anna, Ucrânia)

“Identifico-me com os dois países, é normal.” (Elena, Rússia)

“Neste momento estou muito dividido. É como no futebol eu estar a torcer pelas duas equipas. Mas terra-natal é terra-natal.” (Vladimir, Ucrânia)

“Com os dois, por igual. Quando estou lá fora lido [lidar] com os portugueses. Quando chego a casa ligo-me ao skype com os amigos, mãe e pai.” (Anastasiya, Moldávia)

Foram apenas três, o número de entrevistados que referiram o seu país de origem como sendo o país com que mais se identificam.

“Neste momento estou-me a sentir muito melhor com lá [Ucrânia].” (Alexei, Ucrânia)

“Claro que me identifico com o país de origem. Eu vivo em Portugal, mas tento manter a cultura russa [cultura do pai, embora seja do Cazaquistão].” (Kristina, Cazaquistão)

“Meu país, porque lá tem a minha família, isto é muito importante na vida, a família, filhos, tem lá as suas coisas, porque eu aqui não tenho nada, só a roupa. É melhor viver pobre na minha terra, do que viver pior e sofrer aqui.” (Yana, Bielorrússia)

### **3.2.5 - Inserção laboral**

No que respeita à integração laboral, há grande variedade de situações quanto ao emprego. Uma grande parte dos entrevistados possui um curso superior (característica do grupo bastante difundida entre a opinião pública), porém os empregos conseguidos em Portugal não correspondem às habilitações da maioria. É de notar, ainda, que a capacidade de trabalhar em qualquer área disponível caracteriza a esmagadora maioria dos entrevistados.

“Quando vimos de uma terra do Leste, chegamos aqui e fazemos tudo e mais alguma coisa.” (Anastasiya, Moldávia)

Por essa mesma razão, não houve, da parte da maioria, grande objeção relativamente ao exercício das atuais profissões.

“Sinto-me mais ou menos normal.” (Alexei, Ucrânia)

“Para mim é igual, eu não tenho medo do trabalho.” (Boris, Ucrânia)

“Eu gosto de fazer tudo. Não gosto de sentar e ficar sem trabalho. Eu tenho de me mexer.” (Tatyana, Lituânia)

Uma pequena parte dos entrevistados considerara, porém, que o sacrifício laboral é demasiado.

“Tenho que ter part-times que me deem um valor razoável.” (Olesya, Ucrânia)

“Na verdade, a pessoa cansa-se se fizer sempre a mesma coisa. Como pessoa sincera que sou, é melhor limpar sua casa do que casa dos outros.” (Yana, Bielorrússia)

A obtenção do primeiro emprego em Portugal teve, segundo os testemunhos da maioria, sempre o apoio de terceiros (mesmo, quando esse emprego era, precisamente, criado pelas empresas que recrutavam imigrantes de leste, na altura), coincidindo com os mesmos que os apoiaram na

integração social, e mesmo no trajeto migratório. Aqui, podemos constatar que a rede de apoio apenas “termina” (não totalmente) quando o indivíduo considerar satisfeitas as suas necessidades mais básicas de integração socio laboral.

“Tenho muitos amigos portugueses. Um casal nosso amigo recomendou-me para aquela família onde eu trabalhei.” (Anna, Ucrânia)

“Russos que já estavam há mais tempo aqui. Nesse tempo era mais fácil arranjar trabalho.” (Elena, Rússia)

“Com ajuda dos amigos.” (Viktor, Ucrânia)

“O patrão da pessoa que conhecia conhecia outra pessoa. E depois, houve contactos e tal e pronto. Não falava quase nada, mas aceitaram-me.” (Anastasiya, Moldávia)

“Pedi a pessoas conhecidas, porque eu falava bem com eles, falavam a minha língua, e ajudaram-me.” (Yana, Bielorrússia)

As principais dificuldades apontadas pelos entrevistados, no meio laboral, foram, sem dúvida, as que dizem respeito às remunerações dos atuais empregos e dos anteriores em Portugal. A maioria (apenas uma pessoa respondeu estar totalmente satisfeita com o salário) não considera a sua remuneração suficiente face às suas despesas. No entanto as opiniões dividem-se. Uma parte dos entrevistados encara de forma normal a sua remuneração, considerando-a adequada, embora não negue as dificuldades.

“Sim[sente a remuneração adequada]. Mas tenho que ter muita poupança. É muito complicado.” (Alexei, Ucrânia)

“Dinheiro nunca chega, principalmente para mim. Mas nessa fábrica, ao contrário de outros lados que se pagava a salário mínimo, trezentos e pouco euros, recebíamos quinhentos, quinhentos e tal.” (Elena, Rússia)

“O salário era bom, só que precisava muito trabalhar. Trabalhava 13 horas, cada dia, sem folgas. Muito trabalho.” (Viktor, Ucrânia)

Outra parte considera ser bastante difícil satisfazer todas as suas contas com os ordenados que têm.

“Era muito baixo. A nível dos outros países europeus, acho que o ordenado é muito baixo.” (Anastasiya, Moldávia)

“Chego a trabalhar 17 horas diárias e não consigo obter retorno do trabalho.” (Olesya, Ucrânia)

“Não, falta.” (Boris, Ucrânia) – insatisfação com a remuneração.

“É muito difícil e eu sou empregada interna, eu vivo lá, e ganho migalhas, muito pouquinho.” (Yana, Bielorrússia)

Outra parte dos entrevistados faz, ainda, uma avaliação negativa no que concerne à evolução da distribuição de riqueza em Portugal, comparando o que recebe agora com o que recebia anteriormente (fator, inclusive, apontado como atrativo para emigrar para Portugal, na altura).

“Não, já não é. O salário era pequeno. Também depende, se receberes todos os meses certinho, podes aguentar. Na altura não tinha ainda a filha, por isso aguentava. Mas se fosse agora, nesta situação, não sei.” (Kristina, Cazaquistão)

“Antes era bom (salário), agora está mais fraco. Trabalho à noite.” (Dimitri, Ucrânia)

Como foi dito antes, a maioria dos entrevistados possui, como habilitação académica, um curso superior. Não é, porém, compatível a profissão dos mesmos com a sua habilitação, à exceção de uma pessoa com profissão de padre ortodoxo. A justificação da razão de tal foi dada, sobretudo, com os fatores “idade” e “dificuldade de equivalência”.

“Já preparei todos os papéis, mas não sei se vale a pena agora.” (Anna, Ucrânia) – equivalência.

“É praticamente impossível para mim [o exercício da atividade em Portugal].” (Vladimir, Ucrânia)

“É difícil [o exercício da atividade em Portugal]. Depois há o problema da saúde, da idade.” (Viktor, Ucrânia)

“Procurei trabalho como engenheiro, mas é difícil, porque é preciso traduzir o diploma. Era difícil arranjar trabalho.” (Boris, Ucrânia)



“Não, porque com esta idade já ninguém quer estas pessoas.” (Tatyana, Lituânia)

“Não vale a pena, porque, primeiro há a idade, com a minha idade as pessoas não gostam muito, gostam de pessoas mais jovens. Já passou, já nem me lembro de muitas coisas (do curso).” (Yana, Bielorrússia)

A minoria que não possui curso superior considera que seria, para a mesma, desejável ter tido. Note-se que, embora cada indivíduo tenha as suas próprias razões e ambições pessoais, as profissões exercidas em Portugal pelos entrevistados com curso superior são semelhantes aos entrevistados sem curso superior (não tendo, portanto, nenhuma vantagem na habilitação superior).

“Gostava de ter ido à universidade, como eu queria. Eu queria ser médica, de cirurgia. Não tive oportunidade.” (Elena, Rússia)

“Só acabei o 12º ano e tirei o curso de costureira.” (Anastasiya, Moldávia)

“Cheguei a ir à universidade, podia ter sido professora, mas não tive notas suficientes para estudar no ensino gratuito.” (Kristina, Cazaquistão)

“Só a escola, 12 anos, e depois, o curso de serralheiro.” (Dimitri, Ucrânia)

### **3.2.6 - Cultura**

Abordaremos, de seguida, as considerações dos entrevistados, no que concerne à cultura. Incluem-se, neste tema, aspetos como as raízes culturais, as diferenças culturais e a preservação de traços culturais. Os povos da Europa de leste possuem características culturais comuns com Portugal, mas em alguns aspetos (religião, por exemplo), são diferentes da cultura portuguesa. É certo que, num processo de imigração que se estende a gerações futuras, o hibridismo é inevitável. Mas há sempre uma preservação das raízes. Neste estudo, os entrevistados reconheceram claramente a presença de diferenças entre ambas as culturas, sobretudo nas festas populares e/ou religiosas. Porém, a adaptação à cultura do país atual foi bastante eficaz. As justificações foram diversas, embora haja uma visão geral por parte dos entrevistados de que, por ambos os países (Portugal e o de origem) pertencerem ao continente europeu, existe uma base cultural comum.

“Nas várias festas, como festas de Natal e Páscoa, aqui em Portugal é um dia de festa. Nós não. Na nossa cultura e na nossa cultura religiosa, temos 3 dias de festa. Temos 3 dias de Natal e 3 dias de Páscoa.” (Alexei, Ucrânia)

“De um ponto de vista, não há muita diferença. De outro ponto de vista há diferença nas roupas, nos trajes tradicionais, é muito diferente.” (Anna, Ucrânia)

“Há algumas coisas parecidas. Somos da “mesma” Europa. A diferença é pouca.” (Vladimir, Ucrânia)

“Somos mais ou menos iguais.” (Viktor, Ucrânia)

“Acho que não há grande diferença. Quando cheguei a Portugal, acho que senti mais diferenças. Agora já estou mais habituada, por isso é que já não vejo as diferenças.” (Anastasiya, Moldávia)

“Há clima diferente, comida também, tem muitas coisas de diferente. Na Ucrânia não tem Carnaval, aqui tem Carnaval, tem muita coisa diferente. Também a religião é diferente.” (Dimitri, Ucrânia)

De certa forma, no seguimento da adaptação cultural dos imigrantes de leste, a relação entre culturas não é, também, complicada para os mesmos (note-se que a palavra “adaptei-me” ou “adaptamo-nos” foi bastante usada nas respostas dos entrevistados). É habitual ver-se, em qualquer comunidade estrangeira a residir num determinado país, associações próprias com o objetivo de juntar as pessoas e organizar uma série de atividades, com vista a preservar a cultura. Verifica-se, também, neste caso. Por outro lado, alguns entrevistados afirmaram que procuram preservar os seus costumes culturais dentro do conforto de sua casa e com a sua família.

“Aceitamos uma parte da cultura portuguesa e fazemos integração portuguesa.” (Alexei, Ucrânia)

“Adaptei-me logo nos primeiros tempos. Já conheço a cultura toda.” (Elena, Rússia)

“Andamos (comunidade de imigrantes de leste) sempre em grupo.” (Vladimir, Ucrânia)

“Adapto-me a tudo. Não tenho aquela coisa de “sou moldava, tenho que viver como os moldavos”, não. Eu estou aqui em Portugal, vivo como os portugueses”  
(Anastasiya, Moldávia)

“Temos que nos adaptar a tudo e temos de fazer de maneira a sentirmo-nos bem.”  
(Anastasiya, Moldávia)

“Não levo para casa. Fora de casa, fico habituada.” (Kristina, Cazaquistão)

“Aqui, nós adaptámo-nos bem. Tentámos arranjar formas de nos mantermos animados.” (Olesya, Ucrânia)

“Sim.” (Dimitri, Ucrânia) – procura manter a tradição em casa com a família.

“Eu vivo aqui, tenho que aprender as coisas daqui, claro.” (Tatyana, Lituânia)

“Uma pessoa, como um animal, habitua-se. Devagarinho habitua-se.” (Yana, Bielorrússia)

A maioria dos entrevistados faz questão de preservar traços culturais próprios, sobretudo relativamente às gerações mais novas, ainda que seja um processo, considerado, um pouco difícil, devido à forte influência do país em que se encontram.

“Sim. Mas há vários que não deixam [referindo-se a padrões portugueses relativamente ao pedido de comemoração das festas tradicionais, por parte dos empregados imigrantes].” (Alexei, Ucrânia)

“Claro que não me vou esquecer, por exemplo, faço a Páscoa Católica e faço a Páscoa Ortodoxa.” (Anastasiya, Moldávia)

“De preferência, sim. Em princípio, a minha filha ficará cá (Portugal), mas também pode acontecer o meu caso de chegar aos 20 anos e emigrar.” (Kristina, Cazaquistão)

“Claro que ela vai se habituar no dia-a-dia com os portugueses, mas também tem de saber a nossa parte.” (Kristina, Cazaquistão) – refere-se à filha.

“Sim.” (Dimitri, Ucrânia) – procura manter a tradição em casa com a família.

Alguns entrevistados fizeram referência às suas associações, funcionando, assim, como uma espécie de reforço e, até mesmo, uma “boa consciência” de que as suas tradições, graças às associações, não desaparecerão em Portugal. Por outro lado, o facto de se juntarem, implica automaticamente, um fortalecimento de tradições comunitárias.

“Sim. Temos associações ucranianas em todas as regiões, organizamos festas. Agora com esta situação na Ucrânia, organizamos manifestações e apoio para o povo.” (Anna, Ucrânia)

“Tenho muitos amigos e a gente faz as nossas festas. Isso já não dá para tirar.” (Elena, Rússia)

“Andamos (comunidade de imigrantes de leste) sempre em grupo.” (Vladimir, Ucrânia)

### **3.2.7 - Crise e políticas de imigração**

Um dos objetivos desta investigação foi tentar perceber, do ponto de vista dos imigrantes de leste, quais são as suas opiniões relativamente aos tempos em que vivemos (crise e austeridade) em comparação com os tempos em que emigraram para Portugal e as suas aspirações de então.

A nível geral, a maioria dos entrevistados considera que a crise veio agravar a situação da sua comunidade e trouxe bastantes dificuldades nas suas vidas. Todavia, existe alguma diversidade de opiniões relativamente aos impactos na vida dos entrevistados, isto é, em que aspetos específicos a crise afetou as suas vidas.

“Pois, para os trabalhadores sim.” (Vladimir, Ucrânia) – a situação piorou.

“Agravou a situação.” (Anastasiya, Moldávia)

“Isto já não é uma crise, isto já é depressão, ao que parece. Há pessoas que vivem bem, outras que não.” (Kristina, Cazaquistão)

“Em certos aspetos, sim, porque quando queremos passar férias (para os países de origem), nota-se a crise.” (Kristina, Cazaquistão)

“Sim. Tenho alguns desentendimentos laborais, mas tenho patrões que reconhecem o meu esforço. Mas o que me deprime ainda mais é que eu deixei de ter vida social.” (Olesya, Ucrânia)

“Sim, a União Europeia ficou pior. Quando uma família tem muitos filhos é difícil, quando tem só um filho, já se pode andar.” (Boris, Ucrânia)

“Há pouco trabalho. Antes, não havia problema para arranjar trabalho. Agora está muito difícil.” (Dimitri, Ucrânia)

Algumas pessoas referiram, inclusive, os efeitos da crise na emigração, ou seja, neste caso, concluíram que Portugal já não é o país que era, no sentido de ter oportunidades de melhoria de vida, e, portanto, não vale a pena emigrar para Portugal (tema que analisaremos, mais pormenorizadamente, mais à frente).

“Depois desta crise, muitas pessoas foram para outros países, algumas voltaram para o seu país de origem.” (Alexei, Ucrânia)

“Acho que será um grande erro se vierem mais para cá.” (Elena, Rússia)

“Muitas pessoas já foram embora.” (Yana, Bielorrússia)

“Falo com uma pessoa que vive na Alemanha, ela vivia aqui. Ele diz que pode comprar, de comida, tudo o que quiser. Aqui não, é preciso poupar, apertar “coleira”” (Yana, Bielorrússia)

Relativamente à situação socioeconómica do seu país de origem, a opinião dos entrevistados dividiu-se. Grande parte tem alguma esperança que possa melhorar, sobretudo os imigrantes ucranianos (na altura em que se realizaram as entrevistas, estava precisamente a decorrer o conflito entre a Ucrânia e a Rússia).

“Tenho grande fé que isto vá passar e que a Ucrânia, futuramente vai ser um país europeu.” (Alexei, Ucrânia)

“Acho que, tal como os países da União Europeia, também na Ucrânia podemos criar democracia. Sei que na União Europeia também tem muitos problemas, mas o nível de corrupção na Ucrânia é muito diferente.” (Anna, Ucrânia)

“Responder a isso é complicado. Sou patriota, e claro que penso que o meu país vai melhorar. Só é preciso fazer ordem, porque no governo da Ucrânia é só malucos.” (Boris, Ucrânia)

Uma parte dos entrevistados considera que a situação do seu país de origem melhorou, ou pelo menos, não está muito pior do que Portugal, atualmente. Notou-se, aqui, um sentido de patriotismo que eleva os aspetos positivos, na forma de abordar a situação do país de origem.

“Melhorou muito. O meu problema é que me habituei aqui, mas a vida lá está muito boa.” (Elena, Rússia)

“O Cazaquistão, também, não está mal.” (Kristina, Cazaquistão)

“Eles não estão mal. A diferença está na classe média. Portugal tem classe média, Ucrânia não tem classe média.” (Olesya, Ucrânia)

“Eu acho que agora, na Lituânia, está melhor. O nosso presidente está a trabalhar muito bem, acho que está melhor, já há trabalho para os mais jovens.” (Tatyana, Lituânia)

“Sabia que as pessoas na Bielorrússia ganham mais do que aqui? É verdade. Antigamente, não. Agora, é verdade.” (Yana, Bielorrússia)

Outra parte, no entanto, demonstra ceticismo em relação à situação do seu país de origem, ou considera mesmo que não melhorou (note-se, novamente, que há uma influência grande nas respostas dos imigrantes ucranianos devido ao conflito presente no seu país).

“Atualmente, piorou, claro. Com a revolução, com tudo. Tem gente muito lutadora.” (Vladimir, Ucrânia)

“É muito difícil.” (Viktor, Ucrânia)

“Está pior. Está mesmo pobre.” (Anastaiya, Moldávia)

“Não sei, se calhar não.” (Dimitri, Ucrânia) – considera que o seu país de origem poderá não melhorar a sua situação.

Quanto às políticas de imigração, a questão foi dividida em duas partes: políticas de imigração a nível europeu e políticas de imigração a nível nacional. A nível europeu, os entrevistados deram o

seu depoimento relativamente ao que conhecem das suas próprias experiências ou de familiares e/ou conhecidos que tenham noutros países da Europa. Como tal, a maioria considera que as leis de imigração europeias são boas ou, simplesmente, normais.

“Eu penso que sim.” (Anna, Ucrânia) – considera que a UE tem boas políticas de imigração.

“Eu acho que países como a França ou Alemanha, o que mais gosto na sua política de imigração é que não deixam entrar qualquer pessoa de qualquer país. Acho que isso está certíssimo.” (Elena, Rússia)

“Tem que ser assim, controlado e limitado.” (Vladimir, Ucrânia)

“São normais.” (Viktor, Ucrânia)

“Acho que exigem o que é normal.” (Anastasiya, Moldávia)

“Quando eu fui passar férias há uns anos atrás, fui de avião para Frankfurt e lá estava uma senhora russa que vivia na França. Ela está bem lá. Mas, também, depende da maneira como se entra lá.” (Kristina, Cazaquistão)

“Acho que são boas.” (Tatyana, Lituânia)

Algumas respostas, porém, embora minoritárias, não deixaram grandes elogios, condenando as dificuldades burocráticas.

“Na Alemanha ou noutro país, é muito difícil fazer os documentos.” (Dimitri, Ucrânia)

“Os meus amigos na Alemanha têm, lá, muita papelada.” (Yana, Bielorrússia)

No que toca ao caso português, a maioria dos entrevistados não colocou grande objeção relativamente às políticas de imigração. Houve mesmo quem respondesse que Portugal tem as melhores leis de imigração da Europa. Curiosamente, com a comparação que se fez com os outros países, foi possível verificar, ainda que indiretamente, alguma crítica às leis dos outros países.

“Portugal, segundo uma estatística de um jornal português, ouvi dizer que o Estado português faz as melhores leis de imigrantes. Imigrantes conseguiram ter mais direitos de legalidade em Portugal.” (Alexei, Ucrânia)

“Acho que Portugal tem melhores políticas de imigração do que nos outros países.” (Anna, Ucrânia)

“Aqui é normal.” (Vladimir, Ucrânia)

“Tem políticas de imigração normais. Penso que aqui existe mais tolerância do que nos outros países.” (Viktor, Ucrânia)

“Comigo, ajudaram-me muito. O SEF ajudou-me muito.” (Anastasiya, Moldávia)

“É mais ou menos normal. “ (Boris, Ucrânia)

“Sim, sim.” (Dimitri, Ucrânia) – boas políticas.

“Eu acho que as daqui são muito boas.” (Tatyana, Lituânia)

Novamente, as poucas pessoas que colocaram objeções às políticas de imigração portuguesas centraram as suas críticas, sobretudo, na burocracia.

“Eu acho que, mesmo aqui em Portugal, os preços dos vistos estão insuportáveis. Quando pessoas do CLAI me dizem que nós temos direito a isenção, eu assisti a coisas horríveis no SEF.” (Olesya, Ucrânia)

“Aqui tem muita burocracia, também. Para mim, é igual, porque eu não tenho vida, assim, para melhorar. A vida não foi melhorada.” (Yana, Bielorrússia)

“Quando eu vivi aqui 5 anos, não estava legalizada. É muito difícil.” (Yana, Bielorrússia)

### **3.2.8 - Ligação com o país de origem e projetos de futuro**

A última parte do guião de entrevista foi dedicada a aspetos mais pessoais dos imigrantes entrevistados, nomeadamente a frequência de contatos e visitas ao seu país de origem, suas aspirações futuras, intenção ou não de sair de Portugal, sua opinião relativamente ao futuro da



sua comunidade e se existe algum sentimento de arrependimento por terem emigrado para Portugal.

Todos os entrevistados afirmaram que mantêm contacto frequentemente com os seus familiares ou conhecidos que permanecem na sua terra-natal, graças a novos meios de comunicação e às novas tecnologias (*skype*, por exemplo), que facilitam o contacto, sobretudo a nível económico.

“Contacto-os sempre, mesmo a nível de *skype*.” (Vladimir, Ucrânia)

“Sim, com a internet. Não só com a Ucrânia, também com a Rússia, Geórgia, tenho muitos amigos.” (Boris, Ucrânia)

“Todos os dias, através do *skype*.” (Tatyana, Lituânia)

Quanto às visitas ao país de origem, o caso é mais complicado, sobretudo tratando-se de países situados no outro extremo da Europa. As visitas são feitas, segundo os entrevistados, normalmente em tempo de férias, contudo a frequência varia de pessoa para pessoa e de família para família. Alguns visitam o seu país de origem, de dois em dois anos; outros, uma vez por ano. Outros, com um fosso ainda maior. E houve, ainda, uma pessoa que confessou nunca mais ter voltado para lá, desde que trouxe os seus filhos para Portugal. Os entrevistados lamentaram, porém, a situação de crise, pois dificultou-lhes os planos de visita às famílias.

“Sim, nas férias. Faço todos os anos. Não posso dizer todos os anos, mas no ano passado fui, há dois anos também, e este ano vamos.” (Anna, Ucrânia)

“Tenho contactos com os meus amigos e família. A última vez que fui lá foi em 2009 e vou agora, em Abril.” (Elena, Rússia)

“Sim. De dois em dois anos vou lá.” (Vladimir, Ucrânia)

“Em cada dois anos.” (Viktor, Ucrânia)

“No ano passado não fui. É a crise. Este ano, pelos vistos também não.” (Anastasiya, Moldávia)

“A última vez que fui, foi em 2011, porque é muito longe e muito caro. Se fosse mais perto, como a Ucrânia, era mais fácil.” (Kristina, Cazaquistão)

“Desde que trouxe os filhos, fiquei um dia na Ucrânia, em 2003, nunca consegui ir para lá.” (Olesya, Ucrânia)

“Este ano não vou. Vou uma vez por 2 anos.” (Boris, Ucrânia)

“Quando não havia crise, ia uma ou duas vezes por ano. Agora está mais difícil.” (Dimitri, Ucrânia)

“Uma vez por ano.” (Tatyana, Lituânia)

“Sim, uma vez por ano, quando tenho férias.” (Yana, Bielorrússia)

As aspirações para o futuro dependem sempre do que cada pessoa procura a nível pessoal para se sentir realizada. Note-se que os entrevistados já estão em Portugal há bastante tempo e, portanto, as expectativas e planos que têm atualmente podem não ser as mesmas de então. No entanto, os entrevistados afirmaram que as suas aspirações não vão muito para além, do ponto de vista geral, do que a maioria das pessoas quer: melhor qualidade de vida, nomeadamente no conforto pessoal e na estabilidade económica. E muitos mostraram-se bastante otimistas nesse sentido.

“Sim. Tenho as minhas ideias. Não quero ficar aqui.” (Alexei, Ucrânia)

“Eu penso, e quero muito criar negócio. Negócio para ter ligação, também, com Ucrânia.” (Anna, Ucrânia)

“Quero estudar.” (Elena, Rússia)

“Os meus planos é poder ir para a América, agora vamos ver o que eu vou conseguir.” (Anastasiya, Moldávia)

“Casa quero, e um bom trabalho.” (Kristina, Cazaquistão)

“Sei que a minha vida vai mudar. Que não vou trabalhar a vida toda assim.” (Olesya, Ucrânia)

“Quero casa, apartamento. Está mais difícil, porque o banco não dá crédito, está muito difícil.” (Dimitri, Ucrânia)

Alguns entrevistados referiram que as suas aspirações dizem respeito ao bem-estar das novas gerações.

“Futuro para a minha filha.” (Vladimir, Ucrânia)

“Planos tenho, quero comprar casa, comprar carro novo. Preciso de ajudar a minha filha. Tenho um neto cego.” (Boris, Ucrânia)

Contudo, grande parte afirmou, claramente, que não alinha na elaboração de planos para realizar algum objetivo. Na verdade, o sentimento é, não tanto de uma aspiração futura, mas uma procura para a subsistência no presente. A justificação foi a de que os planos quando postos em prática, não chegam a corresponder totalmente à expectativa das pessoas.

“Sempre que faço planos nunca me sai como eu quero. É melhor viver o dia-a-dia.”  
(Anastasiya, Moldávia)

“Não faço grandes planos. Gostava de ter (posse) casa aqui.” (Kristina, Cazaquistão)

“Eu tenho receio de construir planos, porque não temos garantias nem com emprego, ninguém dá garantias.” (Olesya, Ucrânia)

“Agora vivo sem planos, porque quando estou a planear qualquer coisa, não dá.”  
(Tatyana, Lituânia)

Uma das questões colocadas neste quadro veio no seguimento da questão anterior (aspirações futuras): se os entrevistados têm, ou não, intenção de sair de Portugal, seja para regressarem ao seu país de origem, ou para migrarem para outro país. A maioria, apesar de pouco significativa, tem intenção de sair do país (embora uma das entrevistadas apenas tenha considerado essa intenção numa situação de reforma). Alguns clarificaram a vontade de emigrar para outro país, outros afirmaram que apenas intencionam regressar ao seu país de origem.

“Com os tempos de crise, como o meu marido trabalha em França, penso em ir trabalhar lá, porque aqui não há trabalho, é muito difícil. Mas viver, passar férias, é aqui em Portugal, gosto daqui.” (Elena, Rússia)

“Para terra-natal, é normal. Posso ir para um país com nível melhor, mas sempre em voltar ao meu país.” (Vladimir, Ucrânia)

“Os meus planos é poder ir para a América, agora vamos ver o que eu vou conseguir.” (Anastasiya, Moldávia)

“Quando acabar de trabalhar aqui, não sei quando, eu vou voltar ao meu país.” (Tatyana, Lituânia)

“Quando for embora, eu acho que vou embora, que vou para lá, claro. Tenho lá a minha família que espera por mim.” (Yana, Bielorrússia)

Apenas 5 entrevistados afirmaram não ter intenção de sair de Portugal (embora uma das entrevistadas ter confessado que está em vias de pensar fazê-lo).

“Quero criar um negócio que faça ligações com a Ucrânia, mas regressar não penso.” (Anna, Ucrânia)

“Para já, ficar aqui” (Viktor, Ucrânia)

“Sair, não.” (Kristina, Cazaquistão)

“Não. Mas ir para outro país, já falta pouco.” (Olesya, Ucrânia)

“Não, com esta idade não vale a pena.” (Boris, Ucrânia)

Perante estas intenções, é necessário que se tenha em conta que muitas destas pessoas já têm família estabelecida em Portugal, o que, de certa forma, condiciona as suas decisões, nestes campos. No entanto, é verificável, que o país de origem, para a maioria não é atrativo para as pessoas prosseguirem a sua vida. No seguimento desta linha de pensamento, a opinião dos entrevistados, relativamente ao futuro da comunidade de imigrantes de leste em Portugal e se vale a pena ainda, emigrar para este país, divide-se. Metade mostra-se otimista quanto ao futuro da comunidade, embora alguns não ignorem as dificuldades que ainda terão de enfrentar.

“Penso que vamos ter bom futuro. Somos bons trabalhadores.” (Anna, Ucrânia)

“Eu sim. Como agora tenho um filho, só penso nele e no seu futuro. Mas a crise aqui vai durar ainda muitos anos.” (Elena, Rússia)

“Se continuar como está, está ótimo.” (Kristina, Cazaquistão)

“Neste momento vale a pena. Na Ucrânia, a situação está difícil, a economia está fraca, tem muita criminalidade agora. Há muitos problemas.” (Dimitri, Ucrânia)

“Eu acho que sim. Tem trabalho, já há médicos que já estão a trabalhar.” (Tatyana, Lituânia)

A outra metade não pensa da mesma forma e aconselha, mesmo às populações de leste a não emigrarem para Portugal.

“As pessoas que já têm vida fixada aqui não podem sair daqui, porque têm aqui casas, têm filhos, têm vida própria, organizada. Mas outras pessoas que veem que a vida não é fácil, podem sair a cada momento, a qualquer altura para outros países.” (Alexei, Ucrânia)

“Agora não vale a pena virem para cá, claro. As pessoas que estão cá, com vida organizada, já não voltam.” (Vladimir, Ucrânia)

“Neste momento, não vale a pena vir para cá.” (Viktor, Ucrânia)

“Queremos viver um bocadinho melhor. Há pessoas que ficam sem trabalho mesmo, como muitos portugueses e não têm o que dar aos filhos. Isso dói. A política daqui sufoca-me. Há os outros (imigrantes) que não querem voltar ao seu país e já têm família.” (Anastasiya, Moldávia)

“Acho que não temos. A minha ideia é que não temos comunidade.” (Olesya, Ucrânia)

“Futuro? Quando tem dinheiro, sem dinheiro, com salário mínimo, não vale a pena.” (Yana, Bielorrússia)

A questão final da entrevista envolve todo o processo de imigração, bem como parte da própria vida dos entrevistados. A questão é, então, efetuada no sentido de tentar perceber qual o balanço (de arrependimento ou não) que fazem da sua vida de imigrante e, se o tempo voltasse atrás, voltariam a fazer todo o processo. A esmagadora maioria respondeu que voltaria a emigrar para Portugal, embora algumas pessoas justificassem com motivos distintos da maioria (razões pessoais). Alguns entrevistados, embora tivessem dado esta resposta, não esconderam que

sentiram alguma desilusão com as expectativas que tinham com Portugal e justificaram-na, também, com as vantagens existentes aquando a sua entrada no país.

“Sim, porque há cinco, seis, sete anos atrás, a vida estava mais ou menos estabilizada.” (Alexei, Ucrânia)

“Acho que sim.” (Anna, Ucrânia)

“Não tenho muita pena de ter vindo.” (Vladimir, Ucrânia)

“Eu faria igual.” (Viktor, Ucrânia)

“Voltava por uma coisa, mas não voltava por muitas outras coisas. Voltava pelo homem que eu encontrei. Agora não voltava por tudo o que está a acontecer agora” (Anastasiya, Moldávia)

“Sim, para mim foi boa experiência. Gostei e não foi por necessidade.” (Kristina, Cazaquistão)

“Sim, porque antes podia-se fazer documentos para se legalizar, era mais fácil” (Dimitri, Ucrânia)

Os restantes responderam que não, ou, simplesmente que não sabiam se fariam, ou não, da mesma forma.

“Não, nunca na vida. Preferia para antes, pelo caminho, na França ou Espanha.” (Olesya, Ucrânia)

“Se voltasse atrás no tempo, não posso dizer nada, porque às vezes fazemos coisas sem saber.” (Boris, Ucrânia)

“Quando eu vim há 11 anos atrás, eu não pensava. Eu olho para trás, e eu não tinha medo. Penso o que vai ser pior e o que vai ser melhor para mim. Olho para trás e não tenho pena. Não posso responder, não sei.” (Yana, Bielorrússia)

A eficácia da aplicação da análise de conteúdo demonstra que a sua importância nas ciências sociais é de grande relevo. Nesta investigação, a análise cuidada dos dados revelou conclusões, algumas das quais coincidentes com estudos anteriormente

realizados sobre o mesmo tema (imigração) e sobre o mesmo grupo (imigrantes do leste Europeu). As conclusões são apresentadas seguidamente.

## Conclusão

O objetivo desta dissertação foi o de aprofundar o tema da imigração, sendo centrada, neste caso, na comunidade de imigrantes do leste europeu a residir em Portugal. Trata-se não só de conhecer o seu trajeto migratório e o seu nível de integração social em Portugal, mas também como desenvolvem as relações interculturais e enfrentam a crise económica que afeta Portugal. Ao mesmo tempo, esta investigação procura compreender quais as expectativas futuras dos atores.

Partindo de uma análise cuidada a partir dos dados recolhidos nas entrevistas realizadas, foi realizada uma análise de conteúdo na qual foi feita uma interpretação, do ponto de vista sociológico, sobre a forma como o grupo, vive a sua experiência de migração. Os motivos pelos quais este grupo de imigrantes escolheu Portugal como país de destino são, segundo uma perspetiva geral, de certa forma coincidentes com as conclusões do estudo de Góis & Marques, realizado em 2010, nomeadamente nos seguintes aspetos: “o aconselhamento de familiares e amigos (23%), as características do país (22%), a possibilidade de melhorar as suas condições económicas (16%) e a possibilidade de obter uma legalização (13%)” (Góis & Marques, 2010b, p.60).

O Leste Europeu possui poucos elos históricos e culturais de ligação com Portugal, mas apenas algumas características a nível institucional e geográfico em comum, como a pertença ao mesmo continente. No entanto, a comunidade de imigrantes de Leste, em Portugal, não aponta grandes diferenças significativas entre ambos os países. O grupo sobre o qual se debruçou a investigação não demonstrou reconhecer grandes diferenças socioculturais, embora estas existam (na religião, nas tradições, entre outras). O que mais se pode tomar em consideração neste aspeto, é o facto de esta comunidade encarar as diferenças como sendo perfeitamente suportáveis.

Na verdade, as dificuldades registadas na adaptação à vida social em Portugal foram outras. Existem, obviamente, as dificuldades que qualquer grupo de imigrantes possui, sobretudo na fase inicial do processo migratório. Para todo o indivíduo que sai da sua terra-natal, deixando para trás a sua família, amigos e todo o tipo de relações sociais com que até então estava habituado, para viajar (com todas as dificuldades a que está exposto) para outro país, onde terá de se integrar e estará sujeito a uma pressão constante em conseguir construir uma nova rede



social, é sempre um processo físico e psicologicamente difícil de suportar. Mas, neste caso, em que a distância geográfica entre ambos os países é bastante longínqua, entre outras situações, a dificuldade é, naturalmente maior.

O setor empresarial português foi um dos impulsionadores à imigração de indivíduos oriundos do Leste da Europa para Portugal. Os empregadores, em alguns casos, fizeram o primeiro contacto com os trabalhadores imigrantes. No entanto, como característica própria de todos os grupos de imigrantes, o contacto prévio com indivíduos conhecidos ou familiares já anteriormente instalados no país (preparando, de certa forma, no caso dos familiares, a “instalação” para os restantes membros da família) é o principal ponto de suporte e segurança para os indivíduos tomarem a iniciativa de emigrar para outro país. O caso em análise nesta dissertação não é, de todo, exceção.

No processo de imigração, são necessários recursos para os imigrantes. Esses recursos nem sempre são acessíveis. Os trajetos migratórios da comunidade de imigrantes de Leste foram bastante arriscados, por vezes ilegais e até perigosos para muitos deles, o que implica uma falha nos apoios e recursos aos imigrantes, incluindo, a nível internacional, em matéria de políticas europeias de imigração. A burocracia e as restrições presentes nas políticas migratórias são, então, um forte obstáculo para grande parte desta comunidade.

Um facto bastante relevante a ser apontado nesta investigação, tem a ver com a coincidência da entrada em vigor de nova legislação sobre em Portugal, o Decreto-lei nº 4/2001, com o período de maior fluxo de entrada de imigrantes de leste em Portugal (início dos anos 2000), como está, aliás, registado nos testemunhos dos entrevistados.

A nível de integração social, regista-se que a fase inicial é a mais custosa, sobretudo na aprendizagem da língua, embora a maioria dos entrevistados tenha conseguido superar eficazmente esse obstáculo, de modo a estar hoje mais confortável na comunicação. Foram apontadas, também, dificuldades na aquisição de habitação e de emprego. A maioria dos entrevistados tem formação superior, porém, entre eles, a esmagadora maioria não exerce (ou exerceu, no caso dos desempregados) qualquer profissão compatível com as suas habilitações. É perceptível no discurso destes entrevistados uma certa resignação relativamente ao desempenho de atividades profissionais para as quais são sobre-qualificados. Pode-se constatar, então que a subsistência se sobrepõe à auto-realização académica e profissional. Esta postura

perante os desafios da vida poderá ter raízes culturais e históricas no modo como estes indivíduos e seus familiares viviam nos seus países de origem. A maioria desses países não só tem características de pobreza, como também estiveram sujeitos num passado não muito distante, a um regime totalitário (países da ex-URSS (antiga União das Repúblicas Soviéticas Socialistas)). Isso parece reflectir-se na forma como cada família considera que deve gerir economicamente os seus recursos e na forma combativa como lutam pela subsistência vital, ao invés de uma postura virada para a conquista da sua auto-realização pessoal. A excelência da habilitação literária é, portanto, pouco valorizada neste contexto, no entanto, note-se, a postura não é a mesma, quando se trata ou se refere às novas gerações que já nasceram em Portugal (ou vieram para cá bastante novos), ou seja, há esperança num futuro mais digno para as mesmas.

No que se refere à experiência de discriminação, constata-se, segundo os testemunhos nesta investigação, que a discriminação está, de facto, presente na sua vida social, embora o seu grau varie de acordo com a opinião dos entrevistados. A postura perante a discriminação é de resistência e recusa de rebaixamento social, uma vez que ninguém pretende colocar-se numa situação de vítima. Note-se que esta discriminação é mais manifestável quando se verifica e se identifica mais facilmente as diferenças entre os membros do grupo imigrante e os autóctones. Grande parte dos entrevistados possui, também, profissões normalmente exercidas pelas classes mais baixas, o que leva a que reforcem ainda mais essa resistência perante situações de tentativa de inferiorização pela sociedade portuguesa.

Para alguns dos participantes neste estudo (geralmente, os mais jovens, que ainda não constituíram família ou que, apenas, tiveram filhos recentemente), a identidade cultural não se restringe à do seu país de origem, ou seja, consideram-se, hoje, cidadãos do mundo, não pretendendo descartar as suas raízes, obviamente. Como refere Santos (2013), “o primeiro nome moderno da identidade é a subjetividade” (Santos, 2013, p.140), e neste caso, é bastante subjetiva a identidade apontada pelos membros desta comunidade. Por outras palavras, trata-se de indivíduos que não se sentem fixados num lugar específico e que revelam abertura cultural para se integrarem onde encontrarem melhores oportunidades de vida. Ainda assim, a maioria dos entrevistados, não dá substancial importância à identidade cultural, sendo valorizada uma cultura mais híbrida, chegando mesmo a serem referenciados, por uma parte dos entrevistados, ambos os países (origem e atual) como estando praticamente em pé de igualdade, em termos

de identificação pessoal. Esta postura pode estar relacionada com o facto de muitos membros não esperarem poder voltar ao seu país de origem.

No que respeita às questões laborais, a perspetiva aqui apresentada baseia-se no relato dos entrevistados e no seu percurso. Considera-se, então, que Portugal e suas empresas fazem com os imigrantes de leste o que acontece com outros imigrantes (e até, com muitos portugueses): a utilidade deles serviu até certo ponto quando era efetivamente necessária (tendo com isso, o apoio estatal, nomeadamente, para fornecer vantagens aos imigrantes). Porém, hoje, esses mesmos imigrantes são agora praticamente dispensados pelo mesmo setor empresarial que os “acolheu”, ao não lhes atribuir mérito (nomeadamente para subirem na escala social) e não lhes retribuírem o devido retorno socioeconómico pelo serviço prestado. Como indica Peixoto (2013) “em 2011, a taxa de desemprego entre os estrangeiros atingia os 21,9%, um valor muito superior à taxa de desemprego total (12,7%)” (Peixoto, 2013, p.161), ou seja, a taxa de desemprego dos estrangeiros tem vindo a subir, apesar da maioria se encontrar empregada. Esta postura empresarial e institucional coloca a maioria dos imigrantes como sendo “descartáveis” e apenas úteis em determinado momento.

Regista-se que existe pouco apoio para os imigrantes a nível institucional e muito desconhecimento por parte dos mesmos em relação aos apoios que existem. Apenas as associações de imigrantes e algumas IPSS's prestam algum apoio a esta comunidade, havendo, assim, um certo alheamento do Estado e da sociedade civil para o mesmo feito. Esta constatação dificulta o empoderamento deste grupo de imigrantes. Marques (2013) que considera as associações de imigrantes como “parceiros dos poderes públicos” (Marques, 2013, p. 119), inclui as mesmas como grandes impulsionadoras de capitais, e como tal, “a mobilização dos capitais social e simbólico dos imigrantes e dos seus descendentes é neste contexto vista como garantia de eficácia e de decisões legitimadas socialmente.” (Marques, 2013, p.119).

No que concerne à perspetiva sobre o futuro, o grupo entrevistado de imigrantes de leste não considera Portugal um local tão vantajoso como outrora foi em termos de salários, oportunidades de emprego, entre outras condições. A situação económica e social degradou-se claramente desde que chegaram e as expectativas ficaram aquém do esperado. Foi possível perceber a postura das pessoas entrevistadas, no sentido de considerarem que não vale muito o sacrifício de emigrar para Portugal (referindo-se, obviamente, aos seus compatriotas, que

tencionam sair do seu país de origem), e os dados, de facto, confirmam que “o número de alguns imigrantes, sobretudo oriundos de países da Europa de Leste, como a Ucrânia, diminuiu em valor absoluto” (Peixoto, 2013, p. 175). A maioria dos entrevistados pretende ou, pelo menos, pondera sair para outro país (uma parte para o seu país de origem, outros países considerados mais prósperos). Para os que não intencionam sair de Portugal, a justificação deve ser entendida pela complexidade que a atual vida dos atores condiciona. A vida “continua” para qualquer indivíduo que se instale num determinado país e isso envolve, automaticamente, condicionantes que não são facilmente descartáveis, sobretudo quando esse indivíduo prolonga, por bastante tempo, a sua estadia no país de acolhimento. Famílias se formam e se estabelecem, independentemente do sítio onde estão; a 2ª geração familiariza-se muito mais com Portugal do que com o país das suas raízes. Neste caso, para o bem ou para o mal, é um obstáculo, ao voltar a sair, fazer uma ruptura com a vida que estabeleceram em Portugal. Embora haja diferença nas intenções de sair, ou não, houve um consenso entre os entrevistados ao admitirem que os planeamentos não são aconselháveis, pois nunca se sabe se poderão, efetivamente, chegar a ser concretizados. Trata-se de uma afirmação que claramente revela um ambiente de incerteza e insegurança, sobretudo a nível laboral e económico, que a vinda para Portugal acabou por não eliminar das suas vidas conforme esperariam.

A obtenção da nacionalidade, por parte dos imigrantes, é considerada uma mais valia para os mesmos. Neste caso, a maioria não possui nacionalidade portuguesa, mas pretende obtê-la, reconhecendo variadíssimas vantagens (económicas, sociais, mais direitos). É preciso reconhecer, porém, que não só os processos burocráticos, mas também os recursos e a disponibilidade temporal, obstruída por circunstâncias contextuais (por vezes precárias) em que muitos membros deste grupo de imigrantes se encontram, dificultam objetivo de aquisição da nacionalidade portuguesa.

A crise que vivemos atualmente, como sabemos, mergulhou vários países, entre os quais Portugal, numa profunda dificuldade de auto-subsistência. A maior parte dos imigrantes em Portugal, incluindo os imigrantes do leste europeu, pertencem ao estrato social mais baixo (Machado, 2003). Como tal, em tempos de crise, os pobres são os primeiros a sofrer com todas as consequências da crise, uma vez que “o agravamento da situação económica, a par da ausência de alternativas internacionais, tornou mais claras as desvantagens da inserção laboral dos imigrantes” (Peixoto, 2013, p. 175). Nesta investigação, a maioria dos entrevistados

considera que a crise piorou a sua situação, não só a nível laboral e socioeconómico, mas também dificultou as suas viagens de visita ao país de origem. Contudo, o nível de identificação, devido à sua convivência, a ambos os países permaneceu. Os imigrantes de Leste fizeram demasiado sacrifício (sobretudo os que estabeleceram família em Portugal) e, portanto, a austeridade não é, de todo, algo inteiramente desconhecido para eles. Embora reconhecendo que os tempos são cada vez mais difíceis, este grupo não perde a esperança e a capacidade de luta constante para melhorar as suas condições de vida, sobretudo em nome das novas gerações.

## Referências Bibliográficas

- Baganha, M. I., Marques, J. C., Góis, P. (2004). Novas migrações, novos desafios: a imigração do Leste Europeu. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, pp. 95-115.
- Baganha, M. I. (2005). Política de imigração: a regulação dos fluxos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73, pp. 29-44.
- Bardin, L. (1995). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bourdieu, P. (1997). *Razões Práticas*. Oeiras: Celta Editora.
- Cabral, A., Vieira, X. (2007). Políticas integrativas e conceitos ligados às migrações. In A. Cabral & R. L. Maia (Orgs.), *Antropológicas n.º 10* (pp. 369-407). Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Castles, S., Miller, M. J. (2009). *The Age of Migration – International Population Movements in the Modern World*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Castro, A., Marques, S. D. (2008). A integração dos imigrantes de leste em Portugal – contributos para a sua análise. *Cidades – Comunidades e Territórios*, 17, pp. 63-80.
- Cohen, R. (2005). Globalização, migração internacional e cosmopolitismo quotidiano . In Barreto, A. (Org.), *Globalização e Migrações*, (pp. 25-43). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Costa, P. M. (2004). *Políticas de Imigração e as novas dinâmicas da cidadania em Portugal*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dancygier, R. M. (2010). *Immigration and conflict in Europe*. New York: Cambridge University Press.
- Góis, P., Marques, J. C. (2010a). Novos fluxos de imigração em Portugal: o novo posicionamento de Portugal no sistema migratório europeu. In Baganha, M. I., Marques, J. C., Góis, P. (Orgs.). *Imigração ucraniana em Portugal e no sul da Europa: a emergência de uma ou mais comunidades?*. Lisboa: Alto-comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.), pp. 13-23.

Góis, P., Marques, J. C. (2010b). “Novos fluxos migratórios – Imigrantes da Europa de Leste em Portugal”: Resultados do Inquérito de 2002. *In* Baganha, M. I., Marques, J. C., Góis, P. (Orgs.). *Imigração ucraniana em Portugal e no sul da Europa: a emergência de uma ou mais comunidades?*. Lisboa: Alto-comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.), pp. 31-79.

Góis, P., Marques, J. C. (2010c). Os Imigrantes de Leste em Portugal. Resultados do Inquérito de 2004. *In* Baganha, M. I., Marques, J. C., Góis, P. (Orgs.). *Imigração ucraniana em Portugal e no sul da Europa: a emergência de uma ou mais comunidades?*. Lisboa: Alto-comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.), pp. 81-117.

Góis, P. (Coord.) (2011). *Diagnóstico da População imigrante nos concelhos de Braga e Guimarães: desafios e potencialidades para o desenvolvimento local*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.)

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncipia Editora.

Leandro, M. E. (2004). Dinâmica social e familiar dos projectos migratórios – uma perspectiva analítica. *Análise Social*, 170, pp. 95-118.

Lechner, E. (2010). *Migração e Conflito*. Coimbra: Angelus Novus Editora.

Machado, F. L. (2003). Imigração e imigrantes em Portugal – Parâmetros de regulação e cenários de exclusão. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 41, pp. 183-188.

Malheiros, J. M. (2005). Jogos de relações internacionais: repensar a posição de Portugal no arquipélago migratório global. *In* Barreto, A. (Org.), *Globalização e Migrações*, (pp. 251-272). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Marques, M. (2013). As Associações de origem migrante enquanto instituições sociais. *In* Fonseca, M. L., Góis, P., Marques, J. C., Peixoto, J. (Orgs.). *Migrações na Europa e em Portugal – Ensaio de homenagem a Maria Ioannis Baganha*. Coimbra: Edições Almedina, pp. 101-122.

Monteiro, P. F. (1994). *Emigração: O eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta Editora.

ONU (2013) – Migração e Desenvolvimento Internacional.

Peixoto, J. (2004). As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas. Lisboa: SOCIUS Working Papers.

Peixoto, J. (2013). Imigração, emprego e mercado de trabalho em Portugal: os dilemas do crescimento e o impacto da recessão. *In* Fonseca, M., Góis, P., Marques, J. C., Peixoto, J. (Orgs.). *Migrações na Europa e em Portugal – Ensaios de homenagem a Maria Ioannis Baganha*. Coimbra: Edições Almedina, pp. 159-184.

Pires, R. P. (2002). Mudanças na imigração – uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 39, pp. 151-166.

Reis, J., Pereira, T. S., Tolda, J., Serra, N. (2010). *Imigrantes em Portugal – Economia, pessoas, qualificações e territórios*. Coimbra: Edições Almedina.

Ruquoy, D. (2011). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. *In* L. Albarello, F. Digneffe, J. Hiernaux, C. Maroy, D. Ruquoy, P. Saint-Gerorges, *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, (pp. 84-116). Lisboa: Gradiva.

Santos, B. S. (1994). *Pela Mão de Alice – O social e o político na pós-modernidade*. Porto: Edições Afrontamento.

Vala, J., Lima, M. (2002). Individualismo meritocrático, diferenciação cultural e racismo. *Análise Social*, 162, pp. 181-207.

Wieviorka, M. (2002). *A Diferença*. Lisboa: Fenda Edições.



## **Documentação**

Eurostat (2014). Estatísticas da migração e da população migrante. Consultado em setembro 23, 2014, em

[http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics\\_explained/index.php/Migration\\_and\\_migrant\\_population\\_statistics/pt#Fluxos\\_migrat.C3.B3rios](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics_explained/index.php/Migration_and_migrant_population_statistics/pt#Fluxos_migrat.C3.B3rios)

INE (2009). - Estatísticas Demográficas – 2009.

# **ANEXOS**

# **Anexo 1**

## **Guião de Entrevista**

## **Guião de Entrevista**

**Público-alvo:** Imigrantes oriundos de países do Leste Europeu a residir em Portugal há pelo menos 3 anos.

### **Questões/pontos a abordar nas perguntas:**

- Obter conhecimento sobre o perfil social e profissional dos entrevistados antes da migração para Portugal;
- Descobrir as diferenças dos hábitos quotidianos entre os países de origem e de destino (atividades de ordem social e laboral);
- Averiguar contactos prévios que as comunidades tiveram a partir do país de destino e em que medida isso contribui para o seu percurso migratório;
- Compreender as razões que levaram as comunidades a optarem por Portugal como país de destino e, particularmente, a zona de Braga para instalação local (perceber o(s) fator(es) de atração destas zonas);
- Saber como esta comunidade encarou o percurso longínquo de viagem até Portugal;
- Perceber como se sentem as comunidades de leste, no que diz respeito à sua integração social em Portugal (tendo em conta todos os aspetos que caracterizam e indicam o nível de inserção no país - acolhimento, habitação, emprego, remuneração e vantagens de ordem económica e profissional, educação, relações sociais, entre outros);
- Conhecer as atividades exercidas atualmente pelos entrevistados;
- Conhecer que os apoios que as comunidades tiveram ao longo da sua inserção social, sobretudo nos primeiros tempos;
- Como se sentem as comunidades no que respeita ao contexto sociocultural português;
- Saber se as comunidades preservam ou se tentam preservar traços culturais próprios;
- Como se sentem as comunidades nas mudanças socioeconómicas e profissionais trazidas pela crise económica;

## **Estrutura do Guião**

**1ª Parte** - Apresentação; Recolha de dados biográficos

### **Questões a abordar:**

- País e região de origem, Idade, Casado/Solteiro (se o cônjuge português ou do país de origem), nacionalidade dos filhos, agregado familiar, entre outros.

**2ª Parte** - Percorso migratório

### **Questões a abordar:**

- Como teve conhecimento do país de destino?
- Que contactos teve e com quem?
- Que apoios teve no seu percurso de emigração?
- Como foi planeado o percurso do país de origem a Portugal?
- Veio sozinho ou não?
- O que mais o atraiu a Portugal e à zona de Braga/Guimarães?

**3ª Parte** - Situação Social e Profissional

### **Questões a abordar:**

- Qual a situação profissional?
- Qual a Profissão atual e anterior(es) (incluindo a do país de origem)?

- Como obteve o primeiro emprego em Portugal?
- Como obteve o atual emprego?
- Como se sente com o atual emprego?
- Considera a remuneração adequada?
- A que apoios recorre ou já recorreu em Portugal (que instituições)?
- Quais as habilitações académicas que possui e compatibilidade com a sua atual profissão?

#### **4ª Parte – Integração na sociedade portuguesa e convivência com os portugueses**

##### **Questões a abordar:**

- Se se sente (ou já sentiu) discriminado de alguma forma?
- Como se integrou socialmente no país (principais passos tomados, nomeadamente na língua)?
- Como está a família a lidar com a integração em Portugal?
- Principais dificuldades de integração?
- Vantagens de estar em Portugal?
- Quais as diferenças culturais do seu país de origem e Portugal, e como lida com as mesmas?

- Procura preservar traços culturais do seu país? Como?
- Está em condições de pedir nacionalidade portuguesa? Já o fez? Porquê?
- Identifica-se mais com o país de origem ou com Portugal? E os filhos (caso se aplique)?

**5ª Parte** - Considerações pessoais relativamente a matérias de natureza política, social e económica

**Questões a abordar:**

- Que aspirações tem para o futuro?
- Qual a opinião sobre impactos da crise atual na sua comunidade?
- Opinião política nas matérias: Situação atual dos seus países de origem; Opinião relativamente à União Europeia e suas políticas de imigração; Opinião relativamente à posição de Portugal e do Estado português, no que concerne às políticas sociais de acolhimento e integração de imigrantes; outras matérias.
- Que relações mantém com o país de origem?
- Quando visita o país de origem e qual a sua frequência?
- Pensa regressar ou ir para outro país?
- Como vê o futuro da sua comunidade em Portugal?
- Se voltasse atrás no tempo voltaria a emigrar para Portugal?

## **Anexo 2**

### **Tabela de Categorização da Análise de Conteúdo das Entrevistas e respetivas Unidades de Registo**



## **Tabela de Categorização da Análise de Conteúdo das Entrevistas e respetivas Unidades de Registo**

<b>Categoria</b>	<b>Sub-categoria</b>	<b>Unidade de Registo</b>
Emigração	Motivos	<p>“Naquela altura, para Portugal era mais fácil abrir o visto do que para outros países.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Naquela altura, Portugal precisava de empregados, mão-de-obra. Por isso nós pensamos haviam oportunidades mais fáceis de encontrar emprego, porque Portugal precisava de trabalhadores” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Nos anos 90, a Rússia deixou de ser União Soviética e, nos primeiros 10 anos, foi um tempo horrível. Eu não via a minha vida ali e pensei em sair.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Eu queria conhecer Portugal, fui ao mapa e escolhi” (Elena, Rússia)</p> <p>“Gostei mais da liberdade que há aqui e do povo.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Procura por uma vida melhor” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Aqui eu tinha amigos” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Na altura, há 12 anos atrás, Portugal era um país onde se podia ganhar mais ou menos e viver mais ou menos. E a língua é parecida com a nossa.”</p>

	<p>(Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Comigo não foi mesmo necessidade, mas sim curiosidade.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“E nós ganhávamos uma miséria, ele era engenheiro e eu era professora e ele achava que isto era pouco. Ele queria construir uma casa nova para oferecer-me e um carro novo.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Prometeram 1200€ mensais, não sabia, confiou e foi enganado” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Vim de carro e quis vir só por causa do dinheiro.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Primeiro, quis ganhar dinheiro cá. Depois, vim para cá, trabalhei, vi que a vida é melhor. É muito diferente e quis estar aqui” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Eu não tinha trabalho, a minha filha tinha que estudar, tinha que pagar tudo. Depois, vi na televisão, uma entrevista a dizerem que há trabalho em Portugal.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Conseguia viver lá com o dinheiro que eu tinha durante 5 anos. Depois, o filho cresce, pede mais, sozinha não dá para viver a vida assim, como nós vivíamos antigamente. Eu não queria viver pior. Pronto, aconteceu isto, a minha sobrinha estava aqui e ela chamou-me. Ela disse “Tia, anda! Vais</p>
--	---

		<p>ver como é, pode ser que vás gostar, ganhas dinheiro...” e tudo assim” (Yana, Bielorrússia)</p>
	Escolha de Portugal	<p>“Quando procurou trabalho fora da Ucrânia, encontramos uma agência que procurava empregos aqui em Portugal” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Talvez porque há mais liberdade. Por exemplo, eu não conseguia viver na Alemanha” (Elena, Rússia)</p> <p>“Quando a minha irmã veio para Portugal, nessa altura, abrimos o mapa, vimos as distâncias.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Prometeram 1200€ mensais, não sabia, confiou e foi enganado” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Primeiro, quis ganhar dinheiro cá. Depois, vim para cá, trabalhei, vi que a vida é melhor. É muito diferente e quis estar aqui” (Dimitri, Ucrânia)</p>
Trajeto Migratório	Rede Social de Apoio	<p>“Foi através de um padre português. Naquela altura, um responsável do departamento de imigrações foi esse padre. Contactou-me e para fazer aqui uns serviços.” (Alexei, Ucrânia) – apoios para trabalhar em Braga, pouco depois da sua estadia na Póvoa de Varzim</p> <p>“Antes de vir, não conhecíamos aqui ninguém. Foi a própria empresa onde ele trabalhou que ajudou com alojamento e com tudo.” (Anna, Ucrânia)</p>

		<p>“Sempre fui sozinha.” (Elena, Rússia)</p> <p>“O meu irmão e amigos compatriotas. Depois, arranjei trabalho, os próprios portugueses ajudaram-me bastante.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Através de amigos. Depois compramos vistos e passámos para cá.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Para além desta pessoa, não tive assim grande apoio. Tive que me desenrascar.” (Anastasiya, Moldávia) – refere-se a uma pessoa dela conhecida</p> <p>“Tive apoio das pessoas que comecei a conhecer aqui.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Quando chegámos, arranjam-nos trabalho, porque não falávamos português, era difícil.” (Boris, Ucrânia) – teve intermediários no apoio</p> <p>“Sim.” (Tatyana, Lituânia) – apoio da sobrinha, que já cá estava em Portugal</p> <p>Nota: alguns entrevistados tiveram apoio direto dos seus contactos (incluindo familiares que já estavam instalados em Portugal).</p>
	<p>Contactos</p>	<p>“O meu marido teve visto de trabalho, logo já na Ucrânia. Quando procurou trabalho fora da Ucrânia, encontramos uma agência que procurava empregos aqui em Portugal.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Sim.” (Elena, Rússia) – contactos de pessoas já</p>

		<p>residentes em Portugal</p> <p>“Na altura, trabalhava aqui o meu irmão.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Ela já trabalhava aqui. Ela veio primeiro.” (Viktor, Ucrânia) – refere-se à esposa</p> <p>“Tinha aqui uma pessoa conhecida. Já estava aqui a alguns anos, e então decidi vir para aqui.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Foi ela que chegou aqui primeiro, em 2001. E depois, passado um tempo, vim eu.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“O meu marido falecido já trabalhava cá” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Não. Não consegui, porque faltava dinheiro.” (Boris, Ucrânia) – sem contactos prévios</p> <p>“Sim, com amigos.” (Dimitri, Ucrânia) – contactos</p> <p>“a minha sobrinha estava aqui e ela chamou-me.” (Yana, Bielorrússia)</p>
	<p>Percursos de viagem</p>	<p>“Primeiro fui para a Alemanha, França, e depois para Portugal. Não vim diretamente para Portugal. Fui de comboio para a Alemanha, depois de autocarro fui para Nice. Depois vim para Portugal.” (Alexei, Ucrânia)</p>

		<p>“Paramos em alguns sítios, mas viemos diretamente para Portugal.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Pensei em “comprar” uma viagem mais barata e a viagem foi muito difícil. Da minha cidade, fomos até a capital da Rússia, Moscovo. 2 dias de comboio. Depois, foram mais 5 dias de camioneta para cá. Foi difícil.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Foi uma viagem de autocarro.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Sim.” (Kristina, Cazaquistão) – veio de avião</p> <p>“Disfarcei-me de turista.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“A minha irmã era casada com um alemão, tínhamos vistos idênticos, de turista. Eu aproveitei durante 30 dias.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Vim de carrinha. Ainda nos tiraram dinheiro no percurso.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Vim de carro e quis vir só por causa do dinheiro. Sozinho, esperei 2 meses para fazer carimbo, tive que pagar 400 dólares.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Carrinha. Com seis pessoas. Pagámos 250.” (Boris, Ucrânia) – meio de transporte de viagem</p> <p>“Numa grande camioneta. Eram 2 camionetas.” (Tatyana, Lituânia)</p>
--	--	---

		<p>“Eu fazia vistos para turismo e, devagarinho, da Alemanha e tudo, para França, tinha amigos na França, passava lá dois dias e já chegava lá na camioneta, não de avião, porque é muito difícil, não podia. De camioneta chagava para Portugal.” (Yana, Bielorrússia)</p>
<p>Integração Social</p>	<p>Principais dificuldades</p>	<p>“Particularmente, como estudei na universidade a língua do Latim, que é a origem desta língua, nos primeiros tempos, durante meio ano, oito meses, dez meses, foi fácil, porque eu aprendi o português, através de revistas e jornais portugueses.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Já preparei todos os papéis, mas não sei se vale a pena agora.” (Anna, Ucrânia) – equivalência de curso superior</p> <p>“Mais difícil é arranjar emprego nessa área” (Anna, Ucrânia) – sua área de formação</p> <p>“Nos primeiros tempos sim.” (Anna, Ucrânia) – sentiu dificuldades</p> <p>“Quando as pessoas falavam eu ficava assustada e pensava que nunca iria perceber, porque as nossas línguas são muito diferentes.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Tirei alguns cursos.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“As dificuldades são quando alguém está doente ou falece alguém da família. Isto é maior</p>

		<p>dificuldade. Mas outras coisas, eu acho que quando a pessoa quer, pode ultrapassar tudo.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Russos que já estavam há mais tempo aqui. Nesse tempo era mais fácil arranjar trabalho.” (Elena, Rússia) – apoio para arranjar emprego</p> <p>“2001, 2002 era muito mais fácil e faziam-me logo os documentos, contrato. Foi muito fácil.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Acho que não, porque comecei a trabalhar e movimetei-me com pessoas portuguesas. Não foi difícil.” (Elena, Rússia) – sem dificuldades na aprendizagem da língua</p> <p>“Sim, a gramática é difícil.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Sim.” (Viktor, Ucrânia) – dificuldade na aprendizagem da língua</p> <p>“Tive que tirar cursos, vários cursos.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Que eu me lembre, não.” (Anastasiya, Moldávia) – sem outras dificuldades</p> <p>“A língua é o que demorou mais tempo.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Quando procuro uma casa, preparo logo a pessoa</p>
--	--	---



	<p>e digo que sou estrangeira. Se a pessoa não quiser, eu percebo.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Pagamos na altura, um dicionário de 100€, trouxemos da Rússia. Em novembro, soubemos de um curso voluntário, que os professores portugueses deram, de língua portuguesa.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“As pessoas são muito conservadoras.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Sim. Esperei um ano, e fui tirar um curso.” (Boris, Ucrânia) – dificuldades na língua</p> <p>“Não. Já disse que sou muito forte. Ajudei com amigos, arranjei casa, trabalho, qualquer coisa. Eu luto sozinho.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Para mim, a língua é difícil. Já estou aqui há muito tempo e falo mal. Tenho amigos que estão aqui há pouco tempo e falam melhor. Tirei um curso, também, mas preciso mais.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Às vezes, sim, é difícil.” (Dimitri, Ucrânia) – outras dificuldades</p> <p>“Quando cheguei, não percebia nada. Depois, vivia perto de Vizela, e um senhor da América ensinava-nos todos os Domingos a língua portuguesa. Depois, tirei um curso na escola secundária.”</p>
--	---

		<p>(Tatyana, Lituânia) – dificuldades na língua</p> <p>“Não. Os portugueses ajudaram-me.”</p> <p>(Tatyana, Lituânia) – sem mais dificuldades</p> <p>“Devagarinho, aprendi a língua portuguesa. Não sei se falo bem ou não.” (Yana, Bielorrússia)</p> <p>“Não tinha nada, não. Não tinha curso nenhum.” (Yana, Bielorrússia)</p> <p>“Antigamente, eu fazia assim: tinha trabalho, ganhava devagarinho e procurava outro melhor. Quando não estou bem, vou andando para a frente, não parava. Tinha 2 trabalhos, era muito difícil, dormia 3, 4, 5 horas por noite.” (Yana, Bielorrússia)</p>
	<p>Discriminação</p>	<p>“Eu, particularmente, não. Mas já ouvi falar de imigrantes de leste, em situações de discriminação durante longos períodos.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Por exemplo, estiveram aqui várias pessoas ilegalmente, aqui no norte, que trabalhavam por uma miséria, mas sem os documentos. E têm que ganhar a vida. E sem direitos. Algumas pessoas patronais aproveitam-se desta situação. Diziam que tinham que trabalhar mais e descansar menos. Isto é verdade, não posso esconder.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Penso que não. Não me lembro de situações que possa dizer que fui discriminada. Felizmente</p>

		<p>sempre encontrei no meu caminho só pessoas muito boas.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Também nunca falou sobre isto. Acontece algumas coisas, por exemplo, no trabalho acontece algumas situações de conflito, mas nunca me falou.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Já.” (Elena, Rússia) – refere já ter sofrido discriminação</p> <p>“Há racismo. Acho que isso acontece em todos os lados.” (Elena, Rússia)</p> <p>“É assim, por coisas mínimas, mas há pessoas fracas, como em todos os lados.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Não, não tenho problemas.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Sim. Eu sempre soube dar a volta. Quando eu abria a boca toda a gente se calava. Porque é mesmo assim, não podemos estar calados. No início as pessoas falam sem saber, e isso também é uma discriminação. Não pode ser assim, mas já me senti.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“De tudo.” (Anastasiya, Moldávia) – circunstâncias de discriminação</p> <p>“Diretamente, não. Eu, também, se tiver que responder, respondo. Eu tento não levar muito a</p>
--	--	--

		<p>peito. Há várias pessoas, várias opiniões.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Eu cheguei numa altura, 2004, 2005, em que muitos já passaram por isto, por exemplo, a minha irmã passou pelas coisas e ajudou-me.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Os imigrantes de leste já mostraram que não são estúpidos, que sabem trabalhar e já têm respeito dos portugueses.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Milhares de vezes, nos empregos que recorro. Basta ter sotaque, basta aparecer. Eu, ao falar, nem me denuncio muito, mas quando fui à procura de emprego, falei, combinei, um homem (empregador) prometeu-me um lugar, cheguei lá e ele mal me viu, disse-me “acabei de, há dois minutos, empregar outra pessoa”. E eu estava há uma hora ao pé do portão há espera que abrisse.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Veio o coordenador, que devia coordenar a equipa de Guimarães que disse “tenho que lhe dizer esta coisa, não me leve a mal, mas é só por ter nome estrangeiro”. E sei que trabalham mulheres no hospital de Guimarães, naquela mesma empresa.” (Olesya, Ucrânia) – relativamente a uma candidatura de emprego para mulher</p> <p>“Eu luto contra isso, também. Se alguma coisa mais séria acontecer, eu escrevo logo uma carta</p>
--	--	--

		<p>para o tribunal. Na fábrica, as pessoas têm cuidado comigo.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Aqui, não.” (Dimitri, Ucrânia) – refere não ter sentido discriminação</p> <p>“Não, nunca. Eu trato as pessoas bem e as pessoas tratam-me a mim bem, também.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Senti. Senti coisas que não gosto, coisas que me mandam fazer. E eu sou calada. Quando eu não gosto, eu digo que não gosto e não vou fazer. Já senti. Não gosto, porque sou, também, uma pessoa.” (Yana, Bielorrússia)</p>
	<p>Apoio institucional</p>	<p>“Naquela altura de 2004, 2005, recorri ao Centro de Apoio de Imigrantes aqui em Braga.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Centro de Emprego, pois recebia o subsídio de desemprego. No CLAI, mesmo no início, quando precisamos de consultas, de alguma coisa.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Não.” (Elena, Rússia) – sem apoio institucional</p> <p>“Não. Fiz tudo praticamente sozinho.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“O SEF ajudou-me muito” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Só este sítio (CLAI).” (Kristina, Cazaquistão)</p>

		<p>“Não.” (Olesya, Ucrânia) – sem apoio institucional</p> <p>“Eu parei aqui (CLAI) por acaso. Eu passava aqui mil e uma vezes e nunca reparava nesta placa. Entrei por curiosidade. Eu ando por cá há tantos anos e nunca soube que isto existia.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Não, não pedi ajuda a nada. Gosto de lutar sozinho.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Não conheço. Há no Porto, há em Braga. Às vezes ligo para a Linha SOS, para Lisboa, quando tenho dúvidas, para ter apoio.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Não.” (Tatyana, Lituânia) – sem apoio institucional</p> <p>“Não. É melhor sofrer sozinha do que pedir.” (Yana, Bielorrússia) - sem apoio institucional</p>
<p>Inserção laboral</p>	<p>Opinião relativamente ao atual emprego</p>	<p>“Sinto-me mais ou menos normal.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>(Anna, Ucrânia) – desempregada</p> <p>(Elena, Rússia) – desempregada</p> <p>“Sinto-me bem.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>(Viktor, Ucrânia) - desempregado</p>

		<p>(Anastasiya, Moldávia) – desempregada</p> <p>“Quando vimos de uma terra do Leste, chegamos aqui e fazemos tudo e mais alguma coisa.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>(Kristina, Cazaquistão) – desempregada</p> <p>“Tenho que ter part-times que me deem um valor razoável.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Para mim é igual, eu não tenho medo do trabalho.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Sim. Já trabalho há 12 anos.” (Dimitri, Ucrânia) – satisfeito com trabalho</p> <p>“Eu gosto de fazer tudo. Não gosto de sentar e ficar sem trabalho. Eu tenho de me mexer.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Gosto de todos os trabalhos.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Na verdade, a pessoa cansa-se se fizer sempre a mesma coisa. Como pessoa sincera que sou, é melhor limpar sua casa do que casa dos outros.” (Yana, Bielorrússia)</p>
	<p>Obtenção do primeiro emprego em Portugal</p>	<p>“Naquela altura, um responsável do departamento de imigrações foi esse padre. Contactou-me e para fazer aqui uns serviços.” (Alexei, Ucrânia)</p>

		<p>“Tenho muitos amigos portugueses. Um casal nosso amigo recomendou-me para aquela família onde eu trabalhei.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Ajudaram-me umas pessoas.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Russos que já estavam há mais tempo aqui. Nesse tempo era mais fácil arranjar trabalho.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Vim para cá e, como estavam a precisar de pessoal, candidatei-me.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Com ajuda dos amigos.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“O patrão da pessoa que conhecia, conhecia outra pessoa. E depois, houve contactos e tal e pronto. Não falava quase nada, mas aceitaram-me.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Sim, ela conhecia uma rapariga. Esta rapariga conhecia outra senhora. Esta outra senhora, que era ucraniana, trabalhava dentro de casa e precisava de alguém para a ajudar com as crianças.” (Kristina, Cazaquistão) – através dos contactos da irmã</p> <p>“Sim.” – através do marido</p> <p>“Sozinho. Foi difícil, porque não falava nada em português.” (Dimitri, Ucrânia)</p>
--	--	--



		<p>“Pedi a pessoas conhecidas, porque eu falava bem com eles, falavam a minha língua, e ajudaram-me.” (Yana, Bielorrússia)</p>
	<p>Opinião relativamente à remuneração</p>	<p>“Sim. Mas tenho que ter muita poupança. É muito complicado.” (Alexei, Ucrânia) – sente a remuneração adequada</p> <p>“Acho que sim.” (Anna, Ucrânia) – sente a remuneração adequada</p> <p>“Dinheiro nunca chega, principalmente para mim. Mas nessa fábrica, ao contrário de outros lados que se pagava a salário mínimo, trezentos e pouco euros, recebíamos quinhentos, quinhentos e tal.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Sim.” (Vladimir, Ucrânia) – sente a remuneração adequada</p> <p>“O salário era bom, só que precisava muito trabalhar. Trabalhava 13 horas, cada dia, sem folgas. Muito trabalho.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Era muito baixo. A nível dos outros países europeus, acho que o ordenado é muito baixo.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Não, já não é. O salário era pequeno. Também depende, se receberes todos os meses certinho, podes aguentar. Na altura não tinha ainda a filha, por isso aguentava. Mas se fosse agora, nesta situação, não sei.” (Kristina, Cazaquistão)</p>

		<p>“Os únicos que tenho mais ou menos razoável são: o de recibos verdes, ganho 600€, 120 vai para a segurança social; E nos jogos, os valores variam entre 20 a 33€ com descontos.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Chego a trabalhar 17 horas diárias e não consigo obter retorno do trabalho.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Não, falta.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Antes era bom (salário), agora está mais fraco. Trabalho à noite.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“É bom. É muito boa pessoa a minha patroa. Sinto que é como se fosse da minha família.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“É muito difícil e eu sou empregada interna, eu vivo lá, e ganho migalhas, muito pouquinho.” (Yana, Bielorrússia)</p> <p>Nota: Relativamente aos desempregados, a opinião refere-se à profissão anterior.</p>
	<p>Habilitação académica e compatibilidade com o atual emprego</p>	<p>(Alexei, Ucrânia) – compatibilidade total</p> <p>“Já preparei todos os papéis, mas não sei se vale a pena agora.” (Anna, Ucrânia) – equivalência</p> <p>“Mais difícil é arranjar emprego nessa área.” (Anna, Ucrânia)</p>

		<p>“Gostava de ter ido à universidade, como eu queria. Eu queria ser médica, de cirurgia. Não tive oportunidade.” (Elena, Rússia)</p> <p>“É praticamente impossível para mim.” (Vladimir, Ucrânia) – exercício da atividade em Portugal</p> <p>“É difícil. Depois há o problema da saúde, da idade.” (Viktor, Ucrânia) – exercício da atividade em Portugal</p> <p>“Só acabei o 12º ano e tirei o curso de costureira.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Cheguei a ir à universidade, podia ter sido professora, mas não tive notas suficientes para estudar no ensino gratuito.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“O dinheiro que o meu pai me mandou para a equivalência, eu investi num curso de segurança.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Procurei trabalho como engenheiro, mas é difícil, porque é preciso traduzir o diploma. Era difícil arranjar trabalho.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Só a escola, 12 anos, e depois, o curso de serralheiro.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Não, porque com esta idade já ninguém quer estas pessoas.” (Tatyana, Lituânia)</p>
--	--	--

		<p>“Não vale a pena, porque, primeiro há a idade, com a minha idade as pessoas não gostam muito, gostam de pessoas mais jovens. Já passou, já nem me lembro de muitas coisas (do curso).” (Yana, Bielorrússia)</p>
Integração social	Vantagens/desvantagens de estar em Portugal	<p>“Aqui funciona melhor as leis, onde as pessoas têm direitos e têm que cumprir as leis.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Naquela altura, Portugal precisava de empregados, mão-de-obra. Por isso nós pensamos haviam oportunidades mais fáceis de encontrar emprego” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“As pessoas saem sempre do seu país para procurar vida melhor.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Aqui é mais calmo, menos perigo.” (Elena, Rússia)</p> <p>“O tempo é dos melhores.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Aqui há vida normal.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Desvantagem, é que não tenho os meus pais e os meus irmãos aqui do meu lado. Isso custa.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Posso dizer que também é saudável lá viver, só que aqui, por exemplo a alimentação, aqui em todas as estações temos comidas verdes, lá já</p>

		<p>não.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Se eu vivo aqui é porque é bom. Se voltasse para Cazaquistão, sentiria que estava atrasada lá.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“O povo de lá, pode-se dizer mais agressivo e mais stressado. Os portugueses não. Eu gosto mais de estar aqui.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Não me conformo com o sistema de educação.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Não vejo grandes vantagens.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Não sei. Custa falar tudo direto.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Aqui, por exemplo, há o centro histórico.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Todos os países têm coisas boas e coisas más. Gosto de aqui. O calor, as pessoas. Muito boa gente. Na minha terra, as pessoas são mais frias.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Agora já não vale a pena viver aqui, porque as pessoas não ganham como querem. O país está muito abandonado, parece que não tem dono.” (Yana, Bielorrússia)</p>
	<p>Pedido de nacionalidade portuguesa e suas razões</p>	<p>“Não. Para já, não.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Não, mas pensamos pedir.” (Anna, Ucrânia)</p>

		<p>“Não há nenhum problema, não vou deixar de ser russa, porque a Rússia permite ter duas nacionalidades. Se qualquer dia quiser voltar, não haverá problema.” (Elena, Rússia) – possui nacionalidade portuguesa</p> <p>“Por ser mais seguro. Assim, uma pessoa tem os seus direitos, para votar.” (Vladimir, Ucrânia) – possui nacionalidade portuguesa</p> <p>“Para já não sei, porque tenho outros problemas.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Ainda não. Agora estou a tratar disso. Estou à espera.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Quero mesmo ter nacionalidade portuguesa, de uma vez por todas, que é para não dizer que sou romena ou moldava” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Estou interessada. A partir de junho já posso pedir, só que o meu país não tem aqui embaixada, e por isso, é difícil, para mim, arranjar os documentos que preciso.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“A primeira razão era a económica. Eu não conseguia suportar a despesa dos SEF.” (Olesya, Ucrânia) – possui nacionalidade portuguesa</p> <p>“Em todos os requisitos de oferta de emprego pediam nacionalidade portuguesa. Não perdi</p>
--	--	---

		<p>nada.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Não. Quero tirar o curso para tal.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“O que é que eu vou fazer lá (Ucrânia)? Lá, não sei quando irá melhorar. Aos 64 anos não adianta estar a perder tempo de vida.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Vou agora fazer.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Para já não. Nós (Lituânia) já estamos na União Europeia. Para quê pedir? Não preciso.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Não. E eu quero ter.” (Yana, Bielorrússia)</p> <p>“A vida é muito difícil. Não sabemos o que haverá amanhã, por isso penso que não vou perder nada quando pedir a nacionalidade portuguesa.” (Yana, Bielorrússia)</p> <p>Nota: aqui, também foram apontadas vantagens pelos entrevistados.</p>
	<p>Identificação com país</p>	<p>“Neste momento estou-me a sentir muito melhor com lá (Ucrânia).” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Eu estou mais confortável aqui, mas como grande patriota do meu país, Ucrânia vai ser sempre a minha terra-natal. Mas Portugal vai ser sempre a minha segunda terra, vai ficar sempre no meu coração.” (Anna, Ucrânia)</p>

		<p>“Identifico-me com os dois países, é normal.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Neste momento estou muito dividido. É como no futebol eu estar a torcer pelas duas equipas. Mas terra-natal é terra-natal.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Mais ou menos com aqui.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Com os dois, por igual. Quando estou lá fora lido com os portugueses. Quando chego a casa ligo-me ao skype com os amigos, mãe e pai.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Claro que me identifico com o país de origem. Eu vivo em Portugal, mas tento manter a cultura russa (cultura do pai, embora seja do Cazaquistão).” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Com Portugal. Desliguei-me da Ucrânia, desliguei-me mesmo.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Aqui. A única coisa: na Ucrânia, todas as pessoas têm casa própria. Aqui pago a renda, é difícil comprar casa.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Antes, gostava mais de Portugal, porque o salário era melhor, a vida era mais fácil. Agora é mais duro, tenho mais problemas. Mas como agora a Ucrânia está em conflitos, a vida é mais calma aqui.” (Dimitri, Ucrânia)</p>
--	--	--



		<p>“Claro, que com Portugal, porque estou a viver todo o ano cá e só vou para férias durante um mês.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Meu país, porque lá tem a minha família, isto é muito importante na vida, a família, filhos, tem lá as suas coisas, porque eu aqui não tenho nada, só a roupa. É melhor viver pobre na minha terra, do que viver pior e sofrer aqui.” (Yana, Bielorrússia)</p>
Cultura	Diferenças culturais	<p>“Nas várias festas, como festas de Natal e Páscoa, aqui em Portugal é um dia de festa. Nós não. Na nossa cultura e na nossa cultura religiosa, temos 3 dias de festa. Temos 3 dias de Natal e 3 dias de Páscoa.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“De um ponto de vista, não há muita diferença. De outro ponto de vista há diferença nas roupas, nos trajes tradicionais, é muito diferente.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Também as danças e a música, são mais alegres. Acho que a tradição portuguesa é menos alegre.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Existe de tudo. Muitas vezes eu e o meu marido discutimos por causa da cultura.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Há algumas coisas parecidas. Somos da “mesma” Europa. A diferença é pouca.” (Vladimir, Ucrânia)</p>

	<p>“Somos mais ou menos iguais.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Acho que não há grande diferença. Quando cheguei a Portugal, acho que senti mais diferenças. Agora já estou mais habituada, por isso é que já não vejo as diferenças.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Claro que aqui há mais festas, há outro movimento. Lá (Moldávia) o povo é mais religioso.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Sim, claro.” (Kristina, Cazaquistão) – nota diferenças culturais</p> <p>“Sim. Aqui, os hábitos de leitura não estão dados.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Portugal tem uma boa cultura. O povo português é muito bom povo.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Há clima diferente, comida também, tem muitas coisas de diferente. Na Ucrânia não tem Carnaval, aqui tem Carnaval, tem muita coisa diferente. Também a religião é diferente.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“São diferentes, claro.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Todos os países têm as suas diferenças. A língua, muitas coisas. Eu fui obrigada a fazer um curso de português, e havia lá um projeto no qual dizia as diferenças entre Portugal e o meu país.” (Yana,</p>
--	---

		Bielorrússia)
	Relação com diferenças	<p>“Aceitamos uma parte da cultura portuguesa e fazemos integração portuguesa.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Muitas pessoas falam com os seus patrões se podem festejar estes dias de Natal. Por respeito autorizam a festejar estes dias de Natal da mesma forma de como são festejados nos países de Leste.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Eu penso e faço da minha maneira.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Adaptei-me logo nos primeiros tempos. Já conheço a cultura toda.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Andamos (comunidade de imigrantes de leste) sempre em grupo.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Adapto-me a tudo. Não tenho aquela coisa de “sou moldava, tenho que viver como os moldavos”, não. Eu estou aqui em Portugal, vivo como os portugueses” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Temos que nos adaptar a tudo e temos de fazer de maneira a sentirmo-nos bem.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Não levo para casa. Fora de casa, fico habituada.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Aqui, nós adaptámo-nos bem. Tentámos arranjar</p>

		<p>formas de nos mantermos animados.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Eu não gosto de festas. Gosto, porque podemos descansar quando não há trabalho, mas as festas de igreja, para mim, não me interessam, porque sou ateu. Só gosto de festas para descansar.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Sim.” (Dimitri, Ucrânia) – procura manter a tradição em casa com a família</p> <p>“Eu vivo aqui, tenho que aprender as coisas daqui, claro.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Uma pessoa, como um animal, habitua-se. Devagarinho habitua-se.” (Yana, Bielorrússia)</p>
	<p>Preservação de traços culturais próprios</p>	<p>“Sim. Mas há vários que não deixam.” (Alexei, Ucrânia) – referindo-se a padrões portugueses</p> <p>“Sim. Temos associações ucranianas em todas as regiões, organizamos festas. Agora com esta situação na Ucrânia, organizamos manifestações e apoio para o povo.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Tenho muitos amigos e a gente faz as nossas festas. Isso já não dá para tirar.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Andamos (comunidade de imigrantes de leste) sempre em grupo.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Sim, claro.” (Viktor, Ucrânia) – preserva traços</p>

		<p>culturais próprios</p> <p>“Claro que não me vou esquecer, por exemplo, faço a Páscoa Católica e faço a Páscoa Ortodoxa.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Faço duas vezes, faço duas vezes de cada festa.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“De preferência, sim. Em princípio, a minha filha ficará cá (Portugal), mas também pode acontecer o meu caso de chegar aos 20 anos e emigrar.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Claro que ela vai se habituar no dia-a-dia com os portugueses, mas também tem de saber a nossa parte.” (Kristina, Cazaquistão) – refere-se à filha</p> <p>“Sim.” (Dimitri, Ucrânia) – procura manter a tradição em casa com a família</p> <p>“Não.” (Tatyana, Lituânia) – não procura preservar traços culturais</p> <p>“Já estou aqui há tantos anos que... (Risos) uma pessoa muda.” (Yana, Bielorrússia)</p>
<p>Crise e políticas de imigração</p>	<p>Impactos da crise na sua comunidade</p>	<p>“Depois desta crise, muitas pessoas foram para outros países, algumas voltaram para o seu país de origem.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Acho que isto não é por causa da crise, mas da situação individual. Cada pessoa tem a sua meta e</p>

	<p>algumas atingem essa meta. Muitos dizem não querer voltar, porque acham que o seu futuro e o seu presente está aqui.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“A crise ainda vai durar muitos anos.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Acho que será um grande erro se vierem mais para cá.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Pois, para os trabalhadores sim.” (Vladimir, Ucrânia) – situação piorou</p> <p>“Sim, como todos.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Agravou a situação.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Isto já não é uma crise, isto já é depressão, ao que parece. Há pessoas que vivem bem, outras que não.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Em certos aspetos, sim, porque quando queremos passar férias (para os países de origem), nota-se a crise.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Sim. Tenho alguns desentendimentos laborais, mas tenho patrões que reconhecem o meu esforço. Mas o que me deprime ainda mais é que eu deixei de ter vida social.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Sim, a União Europeia ficou pior. Quando uma família tem muitos filhos é difícil, quando tem só</p>
--	---

		<p>um filho, já se pode andar.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Há pouco trabalho. Antes, não havia problema para arranjar trabalho. Agora está muito difícil.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Eu acho que agora já está melhor.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Muitas pessoas já foram embora.” (Yana, Bielorrússia)</p> <p>“Falo com uma pessoa que vive na Alemanha, ela vivia aqui. Ele diz que pode comprar, de comida, tudo o que quiser. Aqui não, é preciso poupar, apertar “coleira”” (Yana, Bielorrússia)</p>
	<p>Opinião relativamente à situação do país de origem</p>	<p>“Tenho grande fé que isto vá passar e que a Ucrânia, futuramente vai ser um país europeu.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Tenho muita esperança que vá melhorar.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Acho que, tal como os países da União Europeia, também na Ucrânia podemos criar democracia. Sei que na União Europeia também tem muitos problemas, mas o nível de corrupção na Ucrânia é muito diferente.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Melhorou muito. O meu problema é que me habituei aqui, mas a vida lá está muito boa.” (Elena, Rússia)</p>

		<p>“Atualmente, piorou, claro. Com a revolução, com tudo. Tem gente muito lutadora.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“É muito difícil. “ (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Está pior. Está mesmo pobre.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“O Cazaquistão, também, não está mal.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Eles não estão mal. A diferença está na classe média. Portugal tem classe média, Ucrânia não tem classe média.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Responder a isso é complicado. Sou patriota, e claro que penso que o meu país vai melhorar. Só é preciso fazer ordem, porque no governo da Ucrânia é só malucos.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Não sei, se calhar não.” (Dimitri, Ucrânia) – ceticismo em relação à situação</p> <p>“Eu acho que agora, na Lituânia, está melhor. O nosso presidente está a trabalhar muito bem, acho que está melhor, já há trabalho para os mais jovens.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Sabia que as pessoas na Bielorrússia ganham mais do que aqui? É verdade. Antigamente, não.</p>
--	--	---



		Agora, é verdade.” (Yana, Bielorrússia)
	Opinião relativamente às políticas de imigração europeias	<p>“Sim. Penso que foi o primeiro país a fazer estas políticas de imigrantes.” (Alexei, Ucrânia) – refere-se a Portugal</p> <p>“Eu penso que sim.” (Anna, Ucrânia) – considera que tem boas políticas</p> <p>“Eu acho que países como a França ou Alemanha, o que mais gosto na sua política de imigração é que não deixam entrar qualquer pessoa de qualquer país. Acho que isso está certíssimo.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Tem que ser assim, controlado e limitado.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“São normais. “ (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Acho que exigem o que é normal.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Quando eu fui passar férias há uns anos atrás, fui de avião para Frankfurt e lá, estava uma senhora russa que vivia na França. Ela está bem lá. Mas, também, depende da maneira como se entra lá.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Eu acho que, mesmo aqui em Portugal, os preços dos vistos estão insuportáveis. Quando pessoas do CLAI me dizem que nós temos direito a isenção, eu assisti a coisas horríveis nos SEF.” (Olesya,</p>

		<p>Ucrânia)</p> <p>“Nos países, as políticas são iguais para imigrantes. Por exemplo, França é mais democrática, Alemanha é mais democrática, porque é mais perto de casa (Ucrânia).” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Na Alemanha ou noutro país, é muito difícil fazer os documentos.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Acho que são boas.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Os meus amigos na Alemanha têm, lá, muita papelada.” (Yana, Bielorrússia)</p>
	<p>Opinião relativamente às políticas de imigração portuguesas</p>	<p>“Portugal, segundo uma estatística de um jornal português, ouvi dizer que o Estado português faz as melhores leis de imigrantes. Imigrantes conseguiram ter mais direitos de legalidade em Portugal.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Acho que Portugal tem melhores políticas de imigração do que nos outros países.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Portugal podia ser mais duro, eu acho isso.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Aqui é normal.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Tem políticas de imigração normais. Penso que aqui existe mais tolerância do que nos outros</p>

		<p>países.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Comigo, ajudaram-me muito. O SEF ajudou-me muito.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Não vou dizer que facilitam, porque há regras. Pode-se trazer para aqui as famílias, eles (as políticas de imigração) tentam ajudar.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Eu acho que, mesmo aqui em Portugal, os preços dos vistos estão insuportáveis. Quando pessoas do CLAI me dizem que nós temos direito a isenção, eu assisti a coisas horríveis no SEF.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“É mais ou menos normal. “ (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Sim, sim.” (Dimitri, Ucrânia) – boas políticas</p> <p>“Eu acho que as daqui são muito boas.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Aqui tem muita burocracia, também. Para mim, é igual, porque eu não tenho vida, assim, para melhorar. A vida não foi melhorada.” (Yana, Bielorrússia)</p> <p>“Quando eu vivi aqui 5 anos, não estava legalizada. É muito difícil.” (Yana, Bielorrússia)</p>
Ligação com o país de origem	Contactos e/ou visitas com o país de origem	<p>“Temos contactos com os amigos e com outras pessoas.” (Alexei, Ucrânia)</p>

<p>e projetos de futuro</p>		<p>“Sim, nas férias. Faço todos os anos. Não posso dizer todos os anos, mas no ano passado fui, há dois anos também, e este ano vamos.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Tenho contactos com os meus amigos e família. A última vez que fui lá foi em 2009 e vou agora, em Abril.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Sim. De dois em dois anos vou lá. Contacto-os sempre, mesmo a nível de <i>skype</i>.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Em cada dois anos.” (Viktor, Ucrânia) – visita ao país de origem</p> <p>“No ano passado não fui. É a crise. Este ano, pelos vistos também não.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Tenho contactado-os.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“A última vez que fui, foi em 2011, porque é muito longe e muito caro. Se fosse mais perto, como a Ucrânia, era mais fácil.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Sim. De vez em quando. Na minha disponibilidade restrita” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Desde que trouxe os filhos, fiquei um dia na Ucrânia, em 2003, nunca consegui ir para lá.”</p>
-----------------------------	--	---

		<p>(Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Sim, com a internet. Não só com a Ucrânia, também com a Rússia, Geórgia, tenho muitos amigos.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Este ano não vou. Vou uma vez por 2 anos.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Com a mãe, pai, irmão, irmã, amigos.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Quando não havia crise, ia uma ou duas vezes por ano. Agora está mais difícil.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Uma vez por ano.” (Tatyana, Lituânia) – visita ao país de origem</p> <p>“Todos os dias, através do Skype.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Claro. No Skype.” (Yana, Bielorrússia)</p> <p>“Sim, uma vez por ano, quando tenho férias.” (Yana, Bielorrússia) – visita ao país de origem</p>
	<p>Aspirações para o futuro</p>	<p>“Sim. Tenho as minhas ideias. Não quero ficar aqui.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Eu penso, e quero muito criar negócio. Negócio para ter ligação, também, com Ucrânia.” (Anna, Ucrânia)</p>

		<p>“Quero estudar.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Futuro para a minha filha.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Para já, ficar aqui, porque preciso de ter saúde (foi recentemente operado).” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Sempre que faço planos nunca me sai como eu quero. É melhor viver o dia-a-dia.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Os meus planos é poder ir para a América, agora vamos ver o que eu vou conseguir.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Não faço grandes planos. Gostava de ter (posse) casa aqui.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Casa quero, e um bom trabalho.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Eu tenho receio de construir planos, porque não temos garantias nem com emprego, ninguém dá garantias.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Sei que a minha vida vai mudar. Que não vou trabalhar a vida toda assim.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Planos tenho, quero comprar casa, comprar carro novo. Preciso de ajudar a minha filha. Tenho um neto cego.” (Boris, Ucrânia)</p>
--	--	---

		<p>“Quero casa, apartamento. Está mais difícil, porque o banco não dá crédito, está muito difícil.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Agora vivo sem planos, porque quando estou a planear qualquer coisa, não dá.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Tenho os meus planos, sim, mas não têm nada a ver com Portugal. Em Portugal já não tenho planos nenhuns.” (Yana, Bielorrússia)</p>
	<p>Intenção de sair de Portugal</p>	<p>“Sim. Tenho as minhas ideias. Não quero ficar aqui.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Quero criar um negócio que faça ligações com a Ucrânia, mas regressar não penso.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Com os tempos de crise, como o meu marido trabalha em França, penso em ir trabalhar lá, porque aqui não há trabalho, é muito difícil. Mas viver, passar férias, é aqui em Portugal, gosto daqui.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Para terra-natal, é normal. Posso ir para um país com nível melhor, mas sempre em voltar ao meu país.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Para já, ficar aqui” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Os meus planos é poder ir para a América, agora vamos ver o que eu vou conseguir.” (Anastasiya,</p>

		<p>Moldávia)</p> <p>“Sair, não.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Não. Mas ir para outro país, já falta pouco.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Não, com esta idade não vale a pena.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Sim, penso.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Quando acabar de trabalhar aqui, não sei quando, eu vou voltar ao meu país.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Quando for embora, eu acho que vou embora, que vou para lá, claro. Tenho lá a minha família que espera por mim.” (Yana, Bielorrússia)</p>
	<p>Opinião sobre o futuro da sua comunidade em Portugal</p>	<p>“As pessoas que já têm vida fixada aqui não podem sair daqui, porque têm aqui casas, têm filhos, têm vida própria, organizada. Mas outras pessoas que vêm que a vida não é fácil, podem sair a cada momento, a qualquer altura para outros países.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Penso que vamos ter bom futuro. Somos bons trabalhadores.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Eu sim. Como agora tenho um filho, só penso nele e no seu futuro. Mas a crise aqui vai durar ainda muitos anos.” (Elena, Rússia) – demonstra-</p>



		<p>se otimista.</p> <p>“Agora não vale a pena virem para cá, claro. As pessoas que estão cá, com vida organizada, já não voltam.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Neste momento, não vale a pena vir para cá.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Queremos viver um bocadinho melhor. Há pessoas que ficam sem trabalho mesmo, como muitos portugueses e não têm o que dar aos filhos. Isso dói. A política daqui sufoca-me. Há os outros (imigrantes) que não querem voltar ao seu país e já têm família.” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Se continuar como está, está ótimo.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Acho que não temos. A minha ideia é que não temos comunidade.” (Olesya, Ucrânia)</p> <p>“Isto é difícil. A pergunta não deve ser feita a mim, mas ao governo português.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Neste momento vale a pena. Na Ucrânia, a situação está difícil, a economia está fraca, tem muita criminalidade agora. Há muitos problemas.” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Eu acho que sim. Tem trabalho, já há médicos que já estão a trabalhar.” (Tatyana, Lituânia)</p>
--	--	---

		<p>“Futuro? Quando tem dinheiro, sem dinheiro, com salário mínimo, não vale a pena.” (Yana, Bielorrússia)</p>
	<p>Opinião sobre a sua decisão de emigrar para Portugal (se voltasse atrás no tempo, voltaria a emigrar ou não?)</p>	<p>“Sim, porque há cinco, seis, sete anos atrás, a vida estava mais ou menos estabilizada.” (Alexei, Ucrânia)</p> <p>“Acho que sim.” (Anna, Ucrânia)</p> <p>“Não sei. Se o tempo voltasse para trás, eu estudava mais. Voltaria a emigrar, de certeza absoluta, mas talvez não viesse para Portugal.” (Elena, Rússia)</p> <p>“Não tenho muita pena de ter vindo.” (Vladimir, Ucrânia)</p> <p>“Eu faria igual.” (Viktor, Ucrânia)</p> <p>“Voltava por uma coisa, mas não voltava por muitas outras coisas. Voltava pelo homem que eu encontrei. Agora não voltava por tudo o que está a acontecer agora” (Anastasiya, Moldávia)</p> <p>“Sim, para mim foi boa experiência. Gostei e não foi por necessidade.” (Kristina, Cazaquistão)</p> <p>“Não, nunca na vida. Preferia para antes, pelo caminho, na França ou Espanha.” (Olesya, Ucrânia)</p>

		<p>“Se voltasse atrás no tempo, não posso dizer nada, porque às vezes fazemos coisas sem saber.” (Boris, Ucrânia)</p> <p>“Sim, porque antes podia-se fazer documentos para se legalizar, era mais fácil” (Dimitri, Ucrânia)</p> <p>“Eu acho que sim.” (Tatyana, Lituânia)</p> <p>“Quando eu vim há 11 anos atrás, eu não pensava. Eu olho para trás, e eu não tinha medo. Penso o que vai ser pior e o que vai ser melhor para mim. Olho para trás e não tenho pena. Não posso responder, não sei.” (Yana, Bielorrússia)</p>
--	--	--